

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

RICARDO DALPIAZ

**RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA II**

FLORIANÓPOLIS  
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

RICARDO DALPIAZ

## **RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA II**

Relatório de observação apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II do 9º período do Curso de Graduação em Letras/Português (Licenciatura).

Orientador: Professor Dr. Wladimir Antonio Costa Garcia

FLORIANÓPOLIS  
2013

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>03</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>05</b>
2.1 Língua como objeto social.....	05
2.2 Concepção de Ensino Aprendizagem.....	07
<b>3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES MAIS RELEVANTES.....</b>	<b>08</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O FAZER DOCENTE.....</b>	<b>11</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>12</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>13</b>
<b>7 ANEXOS.....</b>	<b>14</b>
7.1 Documento Registro de Observação.....	14
7.2 Textos dos alunos.....	16
7.3 Relatório de Observação.....	17
7.4 Projeto de Docência (planos de aula) – Ricardo e Julia.....	24
7.5 Projeto Extraclasse – Julia e Ricardo.....	56
7.6 Projeto Extraclasse – Julia (compensação do menor número de aulas ministradas no P. Docência).....	74

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo que se faz presente é o relatório final da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, disciplina da nona fase do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina que, ao lado de outras escrituras (sejam elas de fato escritas ou não), compõe as atividades avaliativas da disciplina, ministrada pelos professores Dr. Wladimir Antonio Costa Garcia e da Professora Dra. Daniela Bunn.

O estágio é uma etapa fundamental na formação do futuro licenciado, pois é nela que o futuro docente pode confrontar todo o embasamento teórico que teve ao longo de sua formação, com a o mundo real, com aquilo que até então (ao menos no meu caso) não passava de imaginação, de uma projeção de escola, de alunos, e do fazer docente.

A disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II serve não só de complemento da disciplina que a antecede (Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I) na formação do futuro licenciado, mas é também uma experiência bem diferente, já que no primeiro estágio nosso campo de atuação era o ensino fundamental e neste é o ensino médio. A mudança se dá muito mais no ponto de vista organizacional (no primeiro semestre estivemos em uma escola da rede municipal e neste segundo em uma escola da rede estadual de ensino) do que ponto de vista da faixa etária. Mesmo porque, a diferença entre a faixa etária de um estágio e do outro foi só de um ano.

O estágio se divide basicamente em três etapas: na primeira, se observa o campo de atuação e a partir disso se elabora os projetos de docência e o projeto extraclasse; na segunda, ocorre a prática docente concomitantemente à observação de si mesmo enquanto docente, tanto no projeto de docência quanto no extraclasse; na terceira, se sistematiza toda a experiência daquilo que nos aconteceu, mas muito mais do que isso, nos faz escrever uma história da nossa experiência (uma ficção) para que depois possamos analisa-la, ou melhor, escrevemos uma história baseados naquilo que queremos analisar, ou talvez as duas coisas, ou nenhuma - como preferir. Além de refletir sobre a nossa prática docente, esta terceira etapa trata de refletir sobre a função professor em sentido amplo.

A primeira etapa da observação foi constituída, basicamente, na observação de quatorze aulas de um primeiro no do Ensino Médio, da Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva do período vespertino. A observação se deu majoritariamente nas aulas de Língua Portuguesa, com o olhar também em algumas aulas de disciplinas distintas para observar um pouco a dinâmica da turma com professores diferentes. Foi neste momento que pudemos conhecer a realidade da escola bem como de seus alunos e, principalmente, dos alunos da turma observada. Tentamos traçar um

perfil para turma e a partir disso elaboramos o nosso projeto de docência. A professora regente nos orientou a trabalhar basicamente com leitura, interpretação e escrita (o que veio a calhar com nossas premissas teóricas) de textos, alterando assim, a hierarquia sobre o que deveria nortear as aulas de língua portuguesa, já que não é bem desta maneira que o livro didático da escola trata o ensino e aprendizagem de língua materna. Para tanto, utilizamos um eixo temático que era “Memória e Subjetividade” para que o trabalho com o texto não fosse algo descontextualizado, ou seja, a leitura pela leitura e a escrita pela escrita. Além disso, elaboramos um projeto extraclasse de incentivo à leitura (como nos foi solicitado pela escola). O projeto uniu cinema e literatura e teve o intuito de incentivar indiretamente a leitura, através do contato com o cinema. Em outros termos, de fazer com que a demanda pelo cinema (que é muito grande hoje) pudesse de alguma maneira criar uma demanda para a leitura literária (cujas demandas atuais são muito menores).

A segunda etapa do estágio, a execução dos projetos ocorreu entre os meses de setembro e novembro de 2013 e seus resultados (aos menos no que toca a análise de quem aqui escreve) podem ser lidos neste trabalho, que é a terceira etapa do estágio.

## 2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

### 2.1 A língua como objeto social

Seria raso dizer que a língua se restringe a um conjunto de signos abstratos que formam um código também abstrato que teria como função expressar o pensamento. Também seria raso dizer o contrário, que ela não expressa o pensamento simplesmente porque as palavras a limitam, a enquadram. Para nós, a língua seria tanto uma coisa, quanto a outra. É certo que ela não pode expressar o pensamento porque é limitada pelas palavras, mas só até certo ponto, pois quando necessário, a cognição reinventa a significação das mesmas palavras. Ou cria novas.

Em outros termos, se não tenho uma palavra para designar a “cor azul”, não quer dizer que eu não a veja e que não possa vê-la enquanto não tiver um termo que a possa “representar”. Mas quando tenho uma, ou até mais palavras e faço distinção do azul entre as outras cores, e de alguns tons específicos de azul entre si, meu olhar acaba sendo direcionado e termino por não ver a existência de outras cores, ou tons símiles (simplesmente porque não estou olhando, já que as palavras acabam por direcionar olhar<sup>1</sup>). A própria hierarquização entre cores e tons demonstra isso.

A palavra azul (e também a cor) carrega em si um estereótipo. Aliás, todas as palavras os carregam. Estereótipos esses que são construídos socialmente agem sobre nossa cognição. Mas não necessariamente a limitam.

Faraco, lendo Bakhtin, nos diz que “*nossa cognição é necessariamente historicizada e semiotizada*” (FARACO, 2007, p.47). E ainda acrescenta que: “*as vozes sociais são conceituadas como complexos verbo axiológicos cuja existência decorre do fato inescapável de que as nossas reações com o mundo ao mesmo tempo que o refletem, o refratam.*” (FARACO, 2007, p. 47).

Ou seja, na perspectiva bakhtiniana (que adotamos aqui) a língua seria um objeto social construído historicamente por seus falantes que, em certa medida, têm algum poder de transformação sobre ela.

Ora, se a língua é um objeto social, então é evidente que forças políticas estão em jogo quando eu a uso. Por isso, todo sujeito que utiliza a língua, deveria se posicionar perante ela (como fez a nossa presidenta e também o antecessor dela).

Por isso, pela perspectiva dos PCNs LP (1998), o aprendizado da língua implicaria no necessário conhecimento dos significados culturais nela presente, e no posicionamento do sujeito em relação a esses significados (mesmo assim, isso se dará majoritariamente de maneira

---

<sup>1</sup> E vice-versa

inconscientemente). A partir desse posicionamento, o sujeito interpretaria e reinterpretaria a realidade e a si mesmo, pois a língua é a grande mediadora de tais interpretações.

Para pensar a língua como objeto social não se pode pressupor interlocutores ideais, mas sim, interlocutores vivos que se encontram em um determinado lugar em um determinado tempo, que usam e são usados pela língua. Se optarmos por não pensar sobre quem são os sujeitos que estão diante de nós quando ensinamos, talvez acabaremos por “ensiná-los” unicamente como usar a língua, deixando de lado a questão do quanto somos usados por ela, e do que isso significa.<sup>2</sup>

No que tange ao uso da língua, outros pontos importantes devem ser abordados. Há outros fatores que a influenciam no seu uso diário além da vontade dos falantes e dos significados históricos dos significantes (também históricos).

Sempre que usamos a língua, sempre que proferimos um discurso (enunciado) consideramos fatores que são específicos do contexto no qual ele surgiu que acabam por direcionar (consciente ou inconscientemente) os elementos linguísticos que vamos utilizar. Entre tais fatores estão os seguintes: o nosso interlocutor direto (a pessoa, as pessoas para quem proferimos, para quem tentamos dizer algo, mesmo que seja um solilóquio), ou a imagem que criamos de tal interlocutor; o gênero do discurso do enunciado; o tipo de diálogo que se estabelece; a finalidade do diálogo; a finalidade do falante em relação a finalidade daquele diálogo; o momento histórico de tal proferimento; a esfera social da qual pertencem os falantes e também a esfera social na qual o diálogo se estabelece; e por último, mas não menos importante, todos os interlocutores indiretos que de alguma forma são integrantes de processo de transformação de todos esses elementos elencados aqui.

Ou seja, pensar no ensino e aprendizagem de língua materna é muito mais do que pensar a relação entre o significante e o significado. É pensar a língua como uma prática social. É pensar ela como um diálogo (no sentido dialógico).

Com base nisso, Clécio Bunzen nos propõe que

para os alunos utilizarem a língua escrita de forma dialógica e situada, os professores teriam de criar situações e estratégias em que os alunos utilizassem os gêneros em diferentes situações, ou seja, um trabalho de língua materna voltada para o uso dos textos em gêneros diversos. (BUNZEN, 2006, p.157).

E foi isso que nos propusemos a fazer neste estágio. Todas as atividades que envolviam o uso da língua tiveram como norte a utilização dos gêneros do discurso. Pois, a nosso ver, só assim é possível pensar a língua como uma prática social.

Além disso, nós nos embasamos nos próprios PCNs LP:

---

<sup>2</sup> O texto contido no trecho entre o primeiro parágrafo desta seção e esta nota de rodapé está, de maneira quase idêntica, no Relatório de Observação (em anexo) feito pelo mesmo autor deste texto como atividade avaliativa para esta mesma disciplina.

é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diferentes gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. (BRASIL, 1998, p. 23-24).

## 2.2 Concepção de Ensino e Aprendizagem

Para ministrar as aulas do estágio de acordo com as premissas linguísticas apontadas acima, tomamos como referência a proposta de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa centrada no texto proposta por João Wanderley Geraldi no livro “Portos de Passagens” (1997). Nela, a produção textual é o ponto de partida e também o de chegada do processo (leitura e análise linguística seriam os outros dois pilares de sustentação de toda a teoria). Mas em uma perspectiva um tanto distinta da que se utiliza de maneira clássica na disciplina de Língua Portuguesa.

“O exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. Os temas propostos tem se repetido de ano para ano, e o aluno que for suficientemente vivo perceberá isto e, se quiser, poderá guardar redações feitas na 5ª série para novamente entregá-las ao professor de 6ª série, na época oportuna: no início do ano, o título infalível “Minhas férias”, em maio, “O dia das mães”, em junho, “São João”, em setembro, “Minha Pátria”, e assim por diante...Tais temas, além de insípidos, são repetidos todos os anos, de tal modo que uma criança passa a pensar que só se escreve sobre estas “coisas”” (GERALDI, 2008, p. 64).

Tal tipo de trabalho acabaria por excluir o engajamento da maior parte dos alunos, já que o objetivo preponderante da produção textual seria o cumprimento de uma exigência escolar.

A leitura teria uma patologia similar. A ausência do interesse pelo texto por parte dos alunos seria originado pelo fato de que os textos que chegam até a sala de aula não são escolhidos de acordo com os alunos que ali estão, e também porque serviriam de mero pretexto para alguns exercícios de análise linguística. Da mesma maneira que a produção textual, a leitura seria uma mera obrigação escolar.

Com a ausência do desejo da leitura e da produção, as reflexões de análise linguística teriam sua efetividade comprometida, já que, conseqüentemente, também não fariam qualquer sentido.

Por isso, o trato do texto em sala de aula deve considerar os interlocutores reais da sala de aula bem como nos seus interesses (que estão diretamente relacionados com o contexto no qual vivem). Assim se pode atingir o engajamento dos alunos e fazer com que as atividades de produção textual, leitura e análise linguística tenham de fato cumprido o seu papel no ensino e aprendizagem de língua portuguesa.

Para este trabalho, a observação do estágio tem uma valor fundamental.



### 3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES MAIS RELEVANTES

No artigo 58 da lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que fala sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, no trecho referente aos Direitos Fundamentais, de maneira mais específica na parte do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer, se diz que: *“no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura”*. (BRASIL, 2008, p.21).

Isso norteou o nosso projeto desde a sua observação até a elaboração deste relatório. O respeito aos valores de nossos alunos sempre foi o que buscamos respeitar ao mesmo tempo em que visávamos prover acessibilidade aos bens culturais de natureza outra dos quais muitos dos alunos não teriam acesso sem o intermédio escolar.

Por isso, ao longo da execução do mesmo, ao fornecer o contato com o texto na sala de aula, principalmente com os da esfera artística, buscamos não nos ater a questões como “qual o significado do texto” ou “o que o texto quer dizer” e, na medida em que nos foi possível (já que todos somos limitados), elencar a polissemia das interpretações deixando o direito de escolha (da interpretação) aos nossos alunos.

É importante dizer isso, pois no nosso trabalho com o texto na sala de aula elencado com o tema “Memória e Subjetividade”, acabamos por direcionar os textos e suas interpretações para questões relativas ao que gostaríamos de discutir. Por isso, deixávamos claro este ponto aos alunos para evitar a criação de uma leitura canônica de cada uma das obras trabalhadas.

Basicamente, nosso projeto consistiu em problematizar as questões da biografia e da autobiografia para então trabalhar tais gêneros na perspectiva do “biografema” como se propôs o crítico literário francês Roland Barthes. Escolhemos isso, pois tanto a memória como a subjetividade seriam conceitos fundamentais neste movimento reflexivo.

Começamos por abordar o autorretrato no sentido literal e formular um conceito tradicional de autorretrato, para que a partir de então pudéssemos problematizá-lo com as questões da subjetividade. Depois de introduzido o conceito de subjetividade, voltamos à questão do ato de se autorretratar para problematizarmos o conceito memória e o relacionamos com a questão da ficção. A questão da ficcionalização do discurso sobre si ou do discurso sobre o outro foi o ponto final de nosso projeto, culminando em uma produção textual cuja proposta tinha o seguinte enunciado: “Com base na foto do colega, escreva uma história “contando” o dia (ou alguma ação do dia ligado a foto) em que a foto foi tira. A história deve ser escrita como se fosse a sua história”.

No último dia de aula trabalhamos não só a questão da impossibilidade do acesso à memória, como também problematizamos a ideia do “registro”. Trabalhamos os clichês de fotografias (primeiro as de viagem para alavancar a discussão) e depois das fotos cotidianas, para que eles pudessem perceber que toda fotografia é ficcionalização já no momento de registro, pois recorta a realidade em um determinado enquadramento em duas dimensões. Além disso, trabalhamos a ideia de que quando tiramos uma foto costumamos repetir a maneira de tirá-la. Costumamos tirar as mesmas fotos com sujeitos diferentes (essa discussão foi importante para pensar a ideia de gêneros do discurso). E por fim, registramos o momento “imitando” as fotos clichês apresentadas na aula.

Todo o trabalho com o texto na sala de aula foi submetido à esta temática. Assim esperávamos obter o engajamento dos alunos. É provável que tenhamos conseguido fazer com que os alunos refletissem sobre as questões propostas.

“Memória e Subjetividade” foi o tema escolhido, pois, a nosso ver, seria um tema relevante aos alunos já que eles poucos se conheciam (pois eles estão no primeiro ano do ensino médio em uma escola que só tem ensino médio) e assim os discursos biográficos e autobiográficos sobre/dos colegas poderiam gerar interesse. E neste aspecto, tivemos certo êxito.

Foi extremamente gratificante ver alunos que pouco se enturmavam com os colegas da turma, já se relacionando mais naturalmente no último dia de aula. É verdade que a atividade lúdica do último dia teve certa influência nisso.

É importante falar que outra vez (assim como no semestre passado) não conseguimos obter o engajamento de todos os alunos da turma. A diferença é que desta vez não ficamos tão decepcionados com isso, já que a experiência do semestre passado nos permitiu questionar um pouco as premissas da perspectiva teórica que assumimos. Será mesmo possível fazer com que nos duzentos dias letivos do ano o professor possa fazer realmente a aula ser acontecimento? Ou talvez essa perspectiva acaba por negligenciar que um professor não consegue trabalhar todos os dias no máximo de sua performance (e que muitas vezes ele vai trabalhar no mínimo)? Que talvez tal perspectiva negligencia que é impossível estar motivado todos os dias (tanto por parte dos alunos como por parte dos professores). Que talvez tal haja negligência de que as relações que se estabelecem na sala de aula vão muito além do interesse pelo texto, ou pela vontade de produzir (como as relações de poder entre os alunos, entre os alunos e o professor; a resistência; os desejos diários de cada um; os desejos sexuais; as afinidades eletivas; etc.).

Ou talvez tenhamos nos confundido com o conceito de Acontecimento. Pois se algo Acontece 200 dias no ano (para os mesmos sujeitos) creio que não estejamos falando do conceito de Acontecimento que tem sido trabalhado na filosofia.

Desta vez, fomos um pouco menos ortodoxos com as teorias. E por incrível que pareça, o nosso êxito (em relação ao engajamento da turma nas aulas e nas produções – aquilo mesmo que a teoria visa alcançar) foi maior que o do semestre passado. Talvez isso não tenha que ver somente com a mudança de postura, mas também com a experiência adquirida no semestre passado que nos deu mais tranquilidade e segurança para lidar com as aulas. O ápice disso foi a leitura feita por uma de um texto (vide anexo – tópico 7.2) sobre uma memória do passado no qual ela contou o último dia em que viu o seu avô, que depois foi a velório dele, e “relatou” a inocência do irmão mais novo diante do corpo. A leitura foi perpassada de emoção e o texto comoveu os outros alunos, e também os professores.

Neste estágio, pude, pela primeira vez, improvisar (não completamente já que havia um plano B – apesar do nervosismo) uma aula já que já no primeiro dia de aula não foi possível utilizar o projetor multimídia em uma aula cuja discussão era centrada também em vídeos. Aliás, como a linguagem audiovisual possui uma capacidade imensa de atrair a atenção dos alunos.

Pôde-se observar a dificuldade cotidiana da administração da escola para que se tenham cinco aulas todos os dias durante os duzentos dias letivos de como os professores têm de estar preparados para as adversidades na rede estadual de ensino.

No projeto extraclasse nosso êxito foi muito menor, pois na primeira das oficinas tivemos a participação de dois alunos (dos doze inscritos), pois era no período inverso ao das aulas diárias. Apesar disso, a aula foi significativa para eles (pois estavam lá por vontade própria). E na segunda delas nós assumimos um buraco de horários gerado pela falta de professores e a oficina foi feita com alunos que estavam no período de aula. O problema é que eles, de alguma maneira, souberam que caso não tivessem a oficina teriam sido dispensados da aula (para ir para casa) mais cedo. O que acabou comprometendo consideravelmente o resultado final.

Além disso, não conseguimos em nenhuma das duas oficinas fazer com que os alunos produzissem um curta-metragem, pois o tempo era relativamente curto para que pudéssemos fazer todas as discussões sobre a linguagem audiovisual e de suas diferenças para outras linguagens (principalmente textuais), bem como das técnicas cinematográficas. Ou talvez devêssemos ter sintetizado mais as discussões.

É certo que podemos dizer que do ponto de vista do aprendizado do fazer docente, a experiência de mais este estágio foi riquíssima.

#### 4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O FAZER DOCENTE

Desde o início da graduação os alunos das Licenciaturas já têm uma visão das dificuldades que terão na profissão de professor da Escola Básica (Pública) no Brasil. Nos quatro cantos do país se sabe que não das profissões mais valorizadas no aspecto financeiro e que são enormes as dificuldades geradas pelo baixo investimento, má gestão dos recursos e descasos das autoridades. Exemplo recente pôde ser visto na última greve nacional da categoria que aconteceu a pouco. O resultado efetivo foi pífio, apesar da participação massiva. É uma perspectiva não muito animadora, tanto para quem já exerce a função como para aqueles que ainda exercerão e estão em processo de formação (nosso caso) ou que ainda vão ingressar neste caminho.

Se nosso objetivo enquanto docentes é o sucesso escolar, muitas são as dificuldades que se nos apresentam para o exercício deste ofício (que obviamente tem as suas vantagens).

Professores não são, ou não deveriam ser aqueles que se sacrificam pelo bem alheio. O que eles (nós) fazem (fazemos) é uma profissão, assim como todas as outras, que tem grande serventia para o estado, e que costuma exigir terceiro grau para o exercício, mas que é extremamente mal remunerada.

Nossa experiência no estágio foi fundamental para conhecermos todas as coisas boas e os desafios sadios da profissão, mas também para que a realidade viesse nos confrontar (apesar de que perto de alguns outros lugares do país, as redes públicas de ensino da cidade de Florianópolis podem ser consideradas excelentes). Esta coisa que já sabíamos desde o início do curso ganha vigor nas reflexões do nosso dia a dia.

Comparar as estruturas da maior parte das escolas públicas do país com as escolas privadas demonstram a grande desigualdade existente. O que nos coloca num embate, já que se nos consideramos bons professores e abdicamos da escola pública em prol de uma carreira profissional mais valorizada, mais estruturada e mais bem paga, acabamos por perpetuar, e até mesmo aumentar a desigualdade social que é gigante no nosso país. Mas também não podemos nos submeter ao descaso do estado.

Por isso, pensar em ser professor de Língua Portuguesa é muito mais do que pensar os conteúdos que estudamos na graduação e sua transposição didática. É pensar nas forças políticas que estão por trás das estruturas e lutar contra elas. É uma luta muito difícil. Sempre em duas frentes. Uma, na sala de aula. Outra fora

E é chegada a hora de entrarmos nela.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao fim dos relatos e da análise da experiência que o estágio realizado ao longo deste semestre nos propiciou. É mais uma etapa (a última da graduação) cumprida na nossa formação. Lembrando que esta formação jamais deve cessar. A função professor exige que estejamos repensando nossos pressupostos e também a nossa atividade.

Juntamente com nossos colegas, com nossos professores orientadores do estágio, com a professora regente da turma em que lecionamos, com os outros professores e funcionários da escola e, principalmente, com os alunos, tivemos um semestre muito rico no que cabe à experiência docente. Talvez agora estejamos um pouco mais preparados para nos defrontarmos com a realidade da sala de aula no ensino de língua materna aqui no Brasil.

É certo que nosso foi o propulsor de tudo que executamos.

O projeto de docência teve sua execução realizada ao longo de um período de dezesseis aulas. Foi decidido que nele buscaríamos aguçar o senso crítico dos alunos no que tange ao tema “Memória e Subjetividade”.

Nossa expectativa era que a partir do trabalho realizado na sala de aula, que a partir do que vivenciaram em sala de aula eles pudessem ressignificar a maneira pela qual costumam pensar a própria vida, ressignificar a maneira pela qual eles costumam enxergar as próprias lembranças.

O projeto extraclasse teve sua execução realizada em um único dia e o grande intuito foi fomentar a prática da leitura através do interesse que os alunos mantêm pelo cinema. Certamente esperávamos maior participação dos alunos. No entanto, isso não foi possível.

Em relação aos que participaram, esperávamos que eles pudessem ter um olhar um pouco mais aguçado sobre a linguagem audiovisual, já que fizemos um trabalho relativo às técnicas de produção deste tipo de linguagem.

Em ambos os projetos, nossa busca foi fornecimento do acesso aos bens culturais historicamente legitimados dos quais, sem o intermédio da escola, aqueles adolescentes provavelmente não teriam acesso. É um direito de todo o cidadão

O quanto nossos objetivos foram realizados não se pode precisar. Talvez muito, talvez pouco. Nosso desejo até pode orientar todo o planejamento e também a execução do projeto. Mas a relação entre os resultados que desejamos obter e aquilo que executamos ao longo semestre (apesar da relação diretamente proporcional) têm o seu limite no confronto com a realidade. É principalmente aí que reside a ressignificação da visão que temos sobre a atuação docente. É principalmente aí que reside formação contínua e ininterrupta do professor.

## 6 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. [VOLOCHÍNOV, V. N.]. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 3ª ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares da Educação Nacional – Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília/DF: MEC, 1998.

BUNZEN, Clécio. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: BUNZEN, Cléci e MENDONÇA, Márcia. (Org.) **Português no ensino médio e formação de professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 139-161.


FARACO, Carlos Alberto. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do círculo de Bakhtin. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Raquel; COUTINHO, Antônia. (Org.) **O Interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas/SP: Mercados da Letras, 2007. p. 43–50.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, J. WANDERLEY. **O texto na sala de aula**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2008.

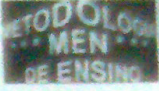
## 7 ANEXOS

## 7.1 Documento Registro de Observação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E  
ESTÁGIO

Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil  
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703



---

### REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS - ENSINO MÉDIO

Escola: E. E. B. Aderbal Ramos da Silva  
 Turma: 1º ano 13  
 Professor(a): Rosa Maria de A. P. Cortina  
 Estagiário(a): Ricardo Dolpiaz  
 Período de observação total: \_\_\_\_\_

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	27/08	16:30	Composição de poemas	RMC
Aula 2	28/08	13:15	Composição de poemas	RMC
Aula 3	29/08	14:45	Composição de poemas	RMC
Aula 4	03/09	16:30	Atividade Analítica	RMC
Aula 5	04/09	13:15	Quintessismo	RMC
Aula 6	04/09	14:00	Plural Words - ING.	RMC
Aula 7	04/09	14:45	Exponencial - MAT.	RMC
Aula 8	05/09	14:45	Quintessismo	RMC
Aula 9	05/09	15:45	Linguagem Quântica - QMC	RMC
Aula 10	05/09	16:30	Política de língua em História	RMC

Rosa Maria de A. P. Cortina  
Assinatura da Professora da Turma





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E  
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil  
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS - ENSINO FUNDAMENTAL

Escola: E.É.B. Aderbal Ramos da Silva  
Turma: 1º ano 13  
Professor(a): Rosa Maria de A. P. Cortina  
Estagiário(a): Ricardo Dalpiaz  
Período de observação total: \_\_\_\_\_

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 11	10/09	14:00	Exercício-Quadrado	RMC
Aula 12	12/09	13:15	Barragem	RMC
Aula 13	12/09	14:00h	Avaliação (biologia)	RMC
Aula 14	13/09	16:30h	Questionário	RMC
Aula 15	-x-	-x-	-x-	-x-
Aula 16	-x-	-x-	-x-	-x-
Aula 17	-x-	-x-	-x-	-x-
Aula 18	-x-	-x-	-x-	-x-
Aula 19	-x-	-x-	-x-	-x-
Aula 20	-x-	-x-	-x-	-x-

Rosa Maria de A. P. Cortina  
Assinatura da Professora da Turma

PS. 2



## 7.2 Textos dos alunos

E.E. A.R.G.  
 Cidade S. Mateus - 1933  
 Meu timbre, meu cadê

É difícil me lembrar de toda a parte da minha infância, porque uma coisa que ficou marcada na minha memória, foi a morte de meu avô. E eu era bem criança, e perdi um avô como o avô, deixou boa parte da minha infância.

Meu avô morreu quando eu tinha doze anos de idade de doente, eu tinha o avô do remédio que antes de morrer há morte dele, e o dia da morte em si, até me marcaram, todos os dias. Eu não posso entrar e sair de lá, mas minha mãe fazia questão de me contar tudo o que acontecia.

Eu sabia que ele tinha pego uma bactéria respiratória, que venha cá de pulmão. Ele não comeu, e toda a vez que ele não queria comer eu dizia: "come 'lá' e de cá", na minha infância, e por fim, ele como um pedaço de bolo naquele dia, ele tinha ido para casa naquele dia, mas logo veio a morte, teve de voltar ao hospital. Foi a última vez que eu...

E no mesmo dia, lá estava eu, segurando a mão de meu irmão e sendo os meus parentes todos, choravam em volta de mim. Me separou as mães para não chorar mais um tempo depois de chorar meu irmão para casa, e depois de chorar. Para depois de voltar lá, e não chorar a longo, e depois de chorar uma outra infância, até hoje chorar.

E os dias seguintes, todos, que a morte, e ali hoje eu não consigo mais lembrar de meu avô, e chorar toda a noite, sei que chorar com criança de lá.

C.T.D.

mas uma lembrança e os outros, não lembranças ali não a meu timbre, o meu avô. Eles desapareceram a minha infância.

### 7.3 Relatório de Observação

RICARDO DALPIAZ

#### RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DE UM PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA EDUCAÇÃO BÁSICA ADERBAL RAMOS DA SILVA

Relatório de observação apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II do 9º período do Curso de Graduação em Letras/Português (Licenciatura) sob a orientação Professor Dr. Wladimir Antonio Costa Garcia e da Professora Dra. Daniela Bunn.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

RICARDO DALPIAZ

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DE UM PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA  
EDUCAÇÃO BÁSICA ADERBAL RAMOS DA SILVA

FLORIANÓPOLIS  
2013

## 1 DO OLHAR

O presente estudo é um relatório de observação docente feito por Ricardo Dalpiaz, estudante da nona fase do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina que, juntamente com outras tarefas, compõe as atividades avaliativas da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, ministrada pelos professores Wladimir Antonio Costa Garcia e da Professora Dra. Daniela Bunn.

Apesar de o relatório ser individual, a observação foi feita ao lado de uma companheira de estágio.

Trata-se da observação de um primeiro ano do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva, localizada na cidade de Florianópolis.

Cabe-nos refletir um pouco sobre a observação, sobre o ato de observar.

Não há observador neutro, sobretudo quando a atividade de observação passa a ser uma ferramenta de avaliação (no caso, o observador é o avaliado). Além disso, tal observação tem uma finalidade específica: servir como base e também como guia para a prática docente que será realizada na sequência desta atividade.

Como a nossa disciplina é a de Língua Portuguesa, gostaríamos de delinear o que pensamos sobre ela, sobre a língua e, conseqüentemente, sobre o ensino de língua. Pois essa visão será um dos enquadramentos (dos conscientes, o principal) pelos quais os fatos observados serão “captados”.

Seria raso dizer que a língua se restringe a um conjunto signos abstratos que formam um código também abstrato que teria como função expressar o pensamento. Também seria raso dizer o contrário, que ela não expressa o pensamento simplesmente porque as palavras a limitam, a enquadram. Para nós, a língua seria tanto uma coisa, quanto a outra. É certo que ela não pode expressar o pensamento porque é limitada pelas palavras, mas só até certo ponto, pois quando necessário, a cognição reinventa as mesmas palavras. Ou cria novas.

Se não tenho uma palavra para a cor azul, não quer dizer que eu não a veja e, por outro lado, por distinguir entre alguns tons específicos de azul, acabo por não ver outros tons símiles (simplesmente porque não estou olhando).

A própria palavra azul (e também a cor) carrega em si um estereótipo. Aliás, todas as palavras os carregam. Estereótipos esses que são construídos socialmente agem sobre nossa cognição. Mas não necessariamente a limitam.

Faraco, lendo Bakhtin, nos diz que “*nossa cognição é necessariamente historicizada e semiotizada*” (FARACO, 2007, p.47). E ainda acrescenta que: “*as vozes sociais são conceituadas como complexos verbo axiológicos cuja existência decorre do fato inescapável de que as nossas reações com o mundo ao mesmo tempo que o refletem, o refratam.*” (FARACO, 2007, p. 47).

Ora, se a língua é um objeto social, então é evidente que forças políticas estão em jogo quando eu a uso. Por isso, todo sujeito que utiliza a língua, deveria se posicionar perante ela (como fez a nossa presidenta e também o antecessor dela).

Por isso, pela perspectiva dos PCNs LP (1998), o aprendizado da língua implicaria no necessário conhecimento dos significados culturais nela presente, e no posicionamento do sujeito em relação a esses significados (mesmo assim, isso se dará majoritariamente de maneira inconscientemente). A partir desse posicionamento, o sujeito interpretaria e reinterpretaria a realidade e a si mesmo, pois a língua é a grande mediadora de tal interpretação.

Para pensar a língua como objeto social não se pode pressupor interlocutores ideais, mas sim, interlocutores vivos que se encontram em um determinado lugar em um determinado tempo, que usam e são usados pela língua. Por isso a atividade de observação se faz tão importante, pois se não pararmos para pensar sobre quem são os sujeitos que estão diante de nós quando ensinamos, talvez acabaremos por “ensiná-los” unicamente como usar a língua, deixando de lado a questão do quanto somos usados por ela, e do que isso significa.

Pensar em como incidir na realidade dos alunos, em como fazer um projeto de docência, é também pensar em como fazê-los sujeitos perante a língua. Não só o sujeito que sabe usá-la, mas um sujeito que saiba o quanto é usado.

## **2 DA OBSERVAÇÃO**

### **2.1 A infraestrutura**

A Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva se localiza no bairro Estreito, que pertence à parte continental da cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Foi fundada em 28 de maio de 1962, por apelo da comunidade residente do bairro. Inicialmente sua estrutura era um galpão, e havia apenas duas turmas, ambas no período vespertino. O objetivo inicial era o atendimento de alunos de primeira a quarta série do “ciclo ginásial”.

Em 1965, a escola se integrou a Fundação Educacional de Santa Catarina. Desde então, a estrutura da escola cresceu e no ano 2000, torna-se essencialmente uma escola de Ensino Médio. Hoje, conta com aproximadamente mil e quatrocentos alunos e cerca de oitenta e cinco funcionários.

A escola é grande. Para entrar, os alunos passam em frente à secretaria (não qual sofrem uma “revista” para saber se estão de uniforme) e ao passa-la se deparam com um pátio imenso cercado por salas, que nos intervalos se enche de estudantes. No final desse grande pátio há um corredor que

leva às partes de adentradas da escola, onde se encontrar o refeitório e também mais algumas salas de aula. Atrás do refeitório se localiza a área destinada à prática de atividades físicas que é composta por algumas quadras. A escola possui biblioteca e sala de informática.

O desgaste temporal se faz visível em todos os ambientes da escola, mas sua estrutura se mantém relativamente boa.

Um detalhe a ser considerado para a elaboração das aulas (principalmente para as aulas do primeiro horário) é o fato de o sinal sonoro que demarca os limites das aulas ser manual, o que pode acarretar em atrasos. Foi o caso de um dos dias de nossas observações. O atraso chegou próximo dos quinze minutos.

Está em feitura o Projeto Político Pedagógico da escola, porém, apesar do nosso esforço, não foi possível o contato com o mesmo, pois teremos que esperar até que o mesmo esteja concluído. O planejamento educacional de longo prazo da escola é muito prejudicado pela presença maciça de professores cuja admissão se dá em caráter temporário. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais ainda não foi feito o Projeto Político Pedagógico.

A escola opta por trabalhar com livros didáticos escolhidos por votação em períodos regulares pelos professores de cada disciplina. Pelo que se pôde observar ao longo desta experiência, a grande maioria dos professores faz a utilização dos livros didáticos.

## **2.2 O perfil psicossocial**

A turma é, majoritariamente, formada por meninas. Entre os poucos meninos é que se encontra a faixa etária mais alta da sala. O que pode complicar um pouco a escolha de temas relacionados com a faixa etária. As idades deles, com raras exceções, variam entre 15 e 17 anos.

Grande parte dos alunos provém do bairro em que a escola está localizada, o Estreito, já os outros são oriundos de lugares diversos da Grande Florianópolis. Praticamente todos os alunos são oriundos de uma classe social não muito abastada, mas que também não se enquadra nos quadros mais severos de pobreza.

Apesar disso, há uma diferenciação no que concerne aos valores axiomáticos dos alunos. Enquanto alguns possuem muito pouco contato com os bens culturais historicamente legitimados e valorizados, outros (a menor parte) têm esses contatos incentivados dentro da própria casa. Neste ponto deve residir todo o nosso cuidado para que não desrespeitemos os valores de nossos alunos quando forem divergentes dos nossos, ou daqueles que nos comprometemos a levar para sala de aula enquanto educadores.

A relação dos bens culturais (sem esquecer que cultura é uma palavra) legitimados historicamente e dos bens culturais regionais é sempre uma relação conflituosa. Hierarquizar os

valores pode ser algo que acabe ocorrendo na nossa prática de docência caso não tenhamos o devido cuidado.

Há também os alunos que transitam nas esferas diferentes esferas culturais como é o caso de um dos alunos que tem muito interesse na cultura “Rasta” (que em muitos contextos é estigmatizada) e ao mesmo tempo ouve Paganini e gosta de assistir filmes de Stanley Kubrick, ou seja, aquilo que vulgarmente costumamos denominar como a cultura “Cult”. Com tais alunos, essa relação entre a cultura legitimada e a cultura regional (muitas vezes estigmatizada) tende a ser menos conflituosa.

No que concerne ao futuro, uma quantidade significativa da turma já pensou sobre o que fazer nos próximos anos (após terminar a escola básica). Cerca de metade dos que responderam nosso questionário pretendem fazer o vestibular, o que nos faz pensar que o conteúdo de vestibular deve ser levado em consideração, mesmo que não seja nossa prioridade.

Aproximadamente metade dos alunos já trabalha ou exerce algum tipo de estágio. Podemos inferir daí o fato de que é ainda menos provável (já que nas escolas públicas, de um modo geral é o que acontece) façam as atividades propostas para serem feitas em casa.

Conforme nos apontou a professora, a grande necessidade da turma é o trabalho com a produção e também a interpretação textual. Aliás, alguns alunos nos manifestaram diretamente o desejo deste enfoque.

### **2.3 A Metodologia**

A turma é composta por vinte e cinco alunos.

As aulas se dão sempre no período vespertino.

No que concerne à sala de aula, o espaço físico é suficientemente grande para comportar todos os alunos matriculados na turma, aliás, talvez ela seja grande em demasia, o que faz com que os alunos ocupem determinadas regiões da sala (como a parte da frente inteira e também os cantos do fundo) e deixem outras sem nenhuma ocupação (como o meio-fundo da sala). Todos os professores, com exceção do professor de matemática, deixam que os alunos escolham seus lugares livremente. Pelo que pudemos observar, tal medida teve resultados práticos. Durante a prática da docência, talvez seja o caso de repensar a organização “territorial” dos alunos. O professor se posiciona na frente da sala, de frente costas para o quadro negro e de frente para os alunos.

Assim como para a maior parte das outras disciplinas, o norte da disciplina de português é o livro didático. Durante o período de observação, pudemos notar parte de um trabalho com a língua que mesclava gramática tradicional normativa com as teorias de gênero do discurso. Este trabalho foi curto, pois já estava em sua fase derradeira, e a maior parte da observação se deu em aulas de

literatura (períodos literários) ou até mesmo de outras disciplinas, que optamos por observar para tentar entender melhor a dinâmica da turma.

Como era de se esperar, alguns professores (ou matérias) obtêm maior engajamento dos alunos.

Os horários das aulas influenciam diretamente no comportamento da turma. Nos períodos que antecedem o intervalo e nos períodos que o sucedem diretamente nota-se claramente maior agitação entre os alunos.

Os alunos da frente são os mais participativos. As conversas paralelas acontecem geralmente nos cantos da sala em grupos pequenos ou duplas.

De um modo geral, apesar de não ser uma turma muito engajada com as atividades, ela é silenciosa.

Eis o nosso desafio, provocar o engajamento.

### 3 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares da Educação Nacional – Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília/DF: MEC, 1998.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 3<sup>a</sup> ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do círculo de Bakhtin. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Raquel; COUTINHO, Antônia. (Org.) **O Interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas/SP: Mercados da Letras, 2007. p. 43–50.

VIGOTSKI, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



## **7.4 Projeto de docência**

JÚLIA MACCARI ESPÍNDULA  
RICARDO DALPIAZ

### **MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE**

Projeto de docência apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II do 9º período do Curso de Graduação em Letras/Português (Licenciatura) sob a orientação dos professores Wladmir Antonio Costa Garcia e Daniela Bunn.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

JÚLIA MACCARI ESPÍNDULA  
RICARDO DALPIAZ

**MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE**

FLORIANÓPOLIS  
2013

## **Introdução**

Com o intuito de proporcionar aos alunos momentos de reflexão crítica sobre identidade, além de contribuir para a ressignificação da mesma, considerando o contexto social em que vivem, focamos o tema de nosso projeto em memória e subjetividade.

A constituição da identidade é uma realidade na vida dos adolescentes para os quais desenvolvemos este projeto e acreditamos que oportunizar uma visão mais ampla sobre o tema é também tarefa da escola. Buscamos trabalhar aspectos extremamente pessoais partindo de grandes temas e estimulando a leitura e a produção escrita.

As atividades propostas neste trabalho pretendem colocar os alunos em uma posição crítica em relação ao outro e a si mesmo, percebendo as dimensões da subjetividade enquanto aspecto intrínseco da formação do eu. Além disso, a diversidade de gêneros a que entrarão em contato só irá contribuir no processo de aprimoramento da língua portuguesa, o que os empodera ainda mais enquanto sujeitos.

## **Sobre a revisão dos planos**

Os planos de aula foram reduzidos em número devido a decisão tomada em conjunto com a professora Daniela (por causa do tempo escasso) para a feitura de um novo projeto extra de 4 horas aula ministrado pela Júlia para o cumprimento da nossa carga horária obrigatória total. Por isso, Ricardo ficou com dez aulas no projeto de docência e mais quatro no projeto extra. Já Júlia ficou com seis aulas no projeto de docência e quatro em um dos projetos extras e mais quatro no outro.

Para a diminuição quantitativa dos planos de aula, basicamente, condensamos as últimas aulas, deixando de lado o assunto da tipologia da viagem, já que tínhamos que fazer alguma exclusão, e conectando as viagens com o tema Memória e Subjetividade, pelo registro da viagem. Seja o registro da experiência, seja o registro fotográfico.

Além disso, alguns planos de aula foram alterados com a adição de textos ou vídeos para enriquecimento da aula, sem a alteração de conteúdos e nem da proposta das aulas.

Uma das aulas acabou sendo expandida para duas, devido a sua densidade.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
Professora regente: Rosa Maria do Amaral Pereira Cortinaz  
Disciplina: Português  
Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Série: 1º ano – Turma 113

## **Plano de aula 1 (2 aulas de 45 min)**

### **1 Objetivo Geral**

1.1 Conhecer a proposta do projeto e entrar em contato com seus grandes temas memória e subjetividade e com os gêneros autorretrato e autobiografia.

### **2 Objetivos Específicos**

- 2.1 Conhecer a proposta do projeto de docência dos professores estagiários;
- 2.2 Entrar em contato com os temas de memória e subjetividade e com o gênero autorretrato;
- 2.3 Ler um autorretrato;
- 2.4 Assistir ao vídeo do depoimento de Alessandra para o documentário *Edifício Master* de Eduardo Coutinho e o vídeo (se houver tempo) *Autorretrato* dos alunos de Design Gráfico da Universidade Federal de Goiás;
- 2.5 Reconhecer o autorretrato como gênero discursivo de narrativa breve e autobiográfica;
- 2.6 Refletir sobre as diferenças e semelhanças entre autobiografia e autorretrato.

### **3 Conteúdo**

- 3.1 *Auto-retrato aos 56 anos* de Graciliano Ramos;
- 3.2 Depoimento de Alessandra para o documentário *Edifício Master* de Eduardo Coutinho;
- 3.3 Vídeo *Autorretrato* dos alunos de Design Gráfico da Universidade Federal de Goiás;
- 3.4 Autobiografia e autorretrato;
- 3.5 Memória e subjetividade.

### **4 Atividades**

- 4.1 Apresentação dos estagiários. Ela deve ser um discurso autobiográfico para que dela se possa, na mesma aula, fazer a ligação com o tema da mesma e também do projeto; (15min.)
- 4.2 Apresentar o projeto de docência e realizar a chamada; (10 min.)
- 4.3 Abrir a aula falando sobre o projeto, que será sobre memória e subjetividade; (2min.)
- 4.4 Discorrer brevemente sobre estes conceitos; (8min.)
- 4.5 Distribuir e ler o *Auto-retrato aos 56 anos* de Graciliano Ramos juntamente com a turma (15min);
- 4.6 Explicar os intertextos. Trabalhar o conceito de intertexto; (5min)
- 4.7 Mostrar o vídeo do depoimento de Alessandra para o documentário *Edifício Master* de Eduardo Coutinho (fazendo uma introdução sobre o filme). (8min)
- 4.8 Fazer perguntas abertas sobre o texto, sobre o vídeo e também sobre a apresentação dos estagiários, ou seja, sobre as impressões de si mesmo e, a partir das considerações deles (mesmo), formular um conceito de autorretrato no quadro. Pedir que ainda não anotem. Fazer analogias dos conceitos formulados com o cotidiano dos alunos, como no caso do *Facebook*, no qual as pessoas expõem informações pessoais formando um retrato, e também a questão da

Linha do Tempo utilizada pelo *Facebook* que com o passar dos anos registra uma biografia. (17min.)

- 4.9 Com a definição feita, questionar sobre qual seria a diferença entre autorretrato e autobiografia. Agora, com perguntas indutivas, fazer com que percebam que na palavra biografia há a conotação da vida, ou seja, indica algo temporal, o que não acontece com o autorretrato, já que a própria palavra retrato remete a uma foto, uma pintura, dando a sensação de um momento específico, ou de um período específico. Pedir que formulem uma nova definição de autorretrato e também uma definição de autobiografia no quadro, e que enfim, copiem. (7min.)
- 4.10 Rediscutir o texto do Graciliano Ramos. É um autorretrato ou uma autobiografia? Pedir que justifiquem suas opiniões argumentando com exemplos do texto. Caso as opiniões sejam partidárias de apenas um dos conceitos, com exemplos do texto, expor a tese contrária. (3min.)
- 4.11 Se houver tempo, mostrar o vídeo *Autorretrato* dos alunos de Design Gráfico da Universidade Federal de Goiás e discutir a questão do autorretrato na linguagem audiovisual: A imagem que tenho de mim mesmo, enquanto pessoa subjetiva, é influenciada pela minha imagem física e vice-versa?
- 4.12 Pedir que os alunos respondam essa questão por escrito, no caderno, como tarefa.
- 4.13 Ouvir as respostas de alguns alunos (se houver tempo).
- 4.14 Encerrar a aula.

## 5 Metodologia

5.1 Aula alternada entre expositiva e alternada; debate; leitura textual; leitura audiovisual.

## 6 Recursos Didáticos

- 6.1 Trinta (30) cópias do texto *Auto-retrato aos 56 anos* de Graciliano Ramos;
- 6.2 Quadro negro;
- 6.3 Projetor multimídia.

## 7 Avaliação

7.1 Serão avaliados os seguintes aspectos: o envolvimento dos alunos durante as discussões; a expressividade, entonação, ritmo e fluência na leitura oral do conto e durante a reflexão com a turma sobre as questões pertinentes ao texto, com base nas respostas aos questionamentos propostos pelo professor estagiário e nos questionamentos dos alunos.

## 8 Referências

AUTORRETRATO. Youtube. 2009. Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=XQMjHjYIcRs>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

EDIFÍCIO MASTER - ALESSANDRA . Youtube. 2009. Disponível em:  
<[http://www.youtube.com/watch?v=VazEqtcIM\\_U](http://www.youtube.com/watch?v=VazEqtcIM_U)>. Acesso em: 24 setembro 2013.

RAMOS, Graciliano. Auto-retrato aos 56 anos. Disponível em:  
<<http://graciliano.com.br/site/autorretrato/>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

## 9 Anexos

### Auto-retrato aos 56 anos

Nasceu em 1892, em Quebrangulo, Alagoas.

Casado duas vezes, tem sete filhos.

Altura 1,75.

Sapato n.º 41.

Colarinho n.º 39.  
 Prefere não andar.  
 Não gosta de vizinhos.  
 Detesta rádio, telefone e campanhas.  
 Tem horror às pessoas que falam alto.  
 Usa óculos. Meio calvo.  
 Não tem preferência por nenhuma comida.  
 Não gosta de frutas nem de doces.  
 Indiferente à música.  
 Sua leitura predileta: a Bíblia.  
 Escreveu "Caetés" com 34 anos de idade.  
 Não dá preferência a nenhum dos seus livros publicados.  
 Gosta de beber aguardente.  
 É ateu. Indiferente à Academia.  
 Odeia a burguesia. Adora crianças.  
 Romancistas brasileiros que mais lhe agradam: Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz.  
 Gosta de palavras escritas e faladas.  
 Deseja a morte do capitalismo.  
 Escreveu seus livros pela manhã.  
 Fuma cigarros "Selma" (três maços por dia).  
 É inspetor de ensino, trabalha no "Correio do Manhã".  
 Apesar de o acharem pessimista, discorda de tudo.  
 Só tem cinco ternos de roupa, estragados.  
 Refaz seus romances várias vezes.  
 Esteve preso duas vezes.  
 É-lhe indiferente estar preso ou solto.  
 Escreve à mão.  
 Seus maiores amigos: Capitão Lobo, Cubano, José Lins do Rego e José Olympio.  
 Tem poucas dívidas.  
 Quando prefeito de uma cidade do interior, soltava os presos para construírem estradas.  
 Espera morrer com 57 anos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
 DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
 DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
 PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
 Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
 Professora regente: Rosa Maria do Amaral Pereira Cortinaz  
 Disciplina: Português  
 Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz  
 Disciplina: Língua Portuguesa  
 Série: 1º ano – Turma 113

## **Plano de aula 2 (1 aula de 45 min)**

### **1 Objetivo Geral**

1.1 Aprofundar os conhecimentos e reflexões sobre o gênero autorretrato, memória e subjetividade.

## **2 Objetivos Específicos**

2.1 Produção de um autorretrato.

## **3 Conteúdo**

3.1 Autorretrato enquanto gênero discursivo de narrativa breve e autobiográfica.

## **4 Atividades**

4.1 Fazer a chamada (5min.).

4.2 Retomar a discussão da aula anterior e as características do autorretrato. (2min.)

4.3 Apresentar a proposta da feitura do autorretrato, baseada no texto de Graciliano Ramos. Pedir que não se atenham somente às características que Graciliano coloca no seu texto, mas que coloquem características que consideraram relevantes. (3min.)

4.4 Orientá-los no processo de produção; (15-20min.)

4.5 Deixar de 15 a 20 minutos para a leitura em voz alta. O tempo irá variar de acordo com a necessidade dos alunos, e também com o tempo necessário para o início efetivo da aula.

4.6 Recolher os textos

4.7 Encerrar a aula.

## **5 Metodologia**

5.1 Produção textual.

## **6 Recursos Didáticos**

6.1 Trinta (30) folhas em branco para a produção do autorretrato.

## **7 Avaliação**

7.1 A avaliação da aula dependerá da avaliação geral da produção dos alunos e do seu engajamento no processo de feitura do texto.

## **8 Referências**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
Professora regente: Rosa Maria do Amaral Pereira Cortinaz  
Disciplina: Português  
Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Série: 1º ano – Turma 113

### **Plano de aula 3 (1 aula de 45 min)**

#### **1 Objetivo Geral**

1.1 Perceber as nuances entre realidade e ficção, perpassando a subjetividade.

#### **2 Objetivos Específicos**

- 2.1 Assistir ao vídeo *Dove Retratos da Real Beleza (Versão Estendida)* e perceber as relações subjetivas no modo como me vejo e vejo o outro, compreendendo a realidade e a ficção destes olhares.

### **3 Conteúdo**

- 3.1 Vídeo *Dove Retratos da Real Beleza (Versão Estendida)*;  
3.2 Realidade e ficção na subjetividade do meu olhar sobre o outro e no olhar do outro sobre mim.

### **4 Atividades**

- 4.1 Fazer a chamada; (3min.)  
4.2 Abordar a turma sobre a experiência da produção do autorretrato. (2min.)  
4.3 Entregar e pedir que leiam silenciosamente o conto *Hoje eu acordei gorda*, de Stella Florence. (3min)  
4.4 Introduzir o conceito de subjetividade. (4min)  
4.5 Reproduzir o vídeo *Dove Retratos da Real Beleza (Versão Estendida)* e abrir a discussão para as questões da realidade e da ficção. A reprodução deverá acontecer duas vezes já que o vídeo é legendado talvez nem todos os alunos estejam habituados a assistir vídeos com legenda. (13min.)  
4.6 Fazer questões indutivas para a problemática em discernir realidade e ficção tais como: até que ponto o que eu vejo sobre a minha vida é verdade? Como será que o outro me vê? Qual das visões era a mais “correta”? (5min.)  
4.7 Aprofundar o conceito de subjetividade (relacionando com o conceito de sujeito). Relacionar autorretrato com autoestima. (7min.)  
4.8 Problematicar o vídeo com questões tais como: o retrato falado não seria o retrato de um retrato? E ainda, se pensarmos que o vídeo é também linguagem, não estaríamos em um retrato de um retrato de retrato? Você acha mesmo que a visão que o outro tem de você é mais real do que a sua?  
4.9 Pedir que os alunos apresentem o colega, como um exercício sobre a visão do outro sobre mim. (8min.)  
4.10 Encerrar a aula.

### **5 Metodologia**

- 5.1 Aula expositiva e dialogada. Debate. Dinâmica Oral. Leitura Audiovisual.

### **6 Recursos Didáticos**

- 6.1 Reprodutor multimídia.

### **7 Avaliação**

- 7.1 Serão avaliados os seguintes aspectos: o envolvimento dos alunos durante as discussões com base nas respostas aos questionamentos propostos pelo professor estagiário e nos questionamentos dos alunos, assim como seu engajamento na atividade de apresentação.

### **8 Referências**

DOVE RETRATOS DA REAL BELEZA: VERSÃO EXTENDIDA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Il0nz0LHbcM>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

FLORENCE, Stella. *Hoje eu acordei gorda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

### **9 Anexos**



## HOJE ACORDEI GORDA — Stella Florence

Hoje acordei gorda. Desgrudei os cílios, olhadela no rádio-relógio: mais de meio-dia. Domingo, não me importo. Ainda na cama pensei que o melhor almoço seria a pizza e o guaraná que sobraram do lanche de ontem. O bolo de milho meio solado da tia Cleide serviria de sobremesa. Bom, vontade mesmo era comer quindim... Rápida inquirição à memória: não havia sequer um ovo na geladeira. Sair, com esse frio? Até que poderia, se eu não tivesse acordado gorda.

Em duas horas almocei, em quinze minutos voltei a dormir: frio, gorda. Acordei quando já estava anoitecendo, o que vou jantar? Pesada, saí da cama e fuzei a geladeira: restos. Juntei todas as sobras da semana numa panela, disfarcei com creme de leite e alguns temperos. Muito bom. Ressuscito uma lata de bolachas estrangeiras amanteigadas do armário e uns pedaços de ovos de Páscoa velhos. Depois do *Fantástico*, volto para cama e o sono vem devagar.

Suavidade, mulher gosta de suavidade, um beijo, um afago, um olhar bem demorado, eu gosto. Ele me trata assim... Às vezes faço umas besteiras tão grandes... Hoje: eu poderia, aliás deveria, se já não fosse tão tarde, iria mesmo sair correndo e voltar lá, só para dizer o quanto eu o amo, que não importa mais nada, que meu desejo é ficar com ele, e que vou lutar, sim! Porém de um minuto para o outro fica tão difícil suportar as pressões e, sem querer, eu cedo... e acordo gorda.

Ah... amor, me desculpe. Ontem você foi embora sob meu olhar flácido, não fui atrás, deixei que os outros dissessem, agissem, pensassem por mim, naquela impotência de deixa-para-depois. Amanhã: eu juro. Sempre se tem esperança quando existe uma segunda-feira por vir: dia dos arremates, dos consertos, dos começos. Amanhã é segunda e eu vou, vou me jogar nos seus braços e gritar a plenos pulmões que não posso viver sem você, "vamos começar tudo de novo?".

Amanhã vou dizer que te amo. Amanhã. Hoje não tenho forças. Me desculpe. Hoje acordei gorda.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
 DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
 DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
 PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
 Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
 Professora regente: Rosa Maria do Amaral Pereira Cortinaz  
 Disciplina: Português  
 Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz  
 Disciplina: Língua Portuguesa  
 Série: 1º ano – Turma 113

## Plano de aula 4 (1 aula de 45 min)

### 1 Objetivo Geral

1.1 Perceber as nuances entre realidade e ficção, perpassando a subjetividade, bem como da utilização da ideia de subjetividade nas propagandas comerciais.

### 2 Objetivos Específicos

2.1 Assistir aos vídeos *Dove Retratos da Real Beleza (Versão Estendida)*; *Consumo parte 1 Filme 1,99*, de Marcelo Masagão investiga consumismo; *Marcelo Masagão comenta sobre o filme 1,99*; e discutir a relação entre autoestima (das discussões anteriores) e o fetiche (apresentado na proposta de Marcelo Masagão).

### 3 Conteúdo

3.1 Vídeos *Dove Retratos da Real Beleza (Versão Estendida)*; *Consumo parte 1 Filme 1,99*, de Marcelo Masagão investiga consumismo; *Marcelo Masagão comenta sobre o filme 1,99*.  
 3.2 Realidade e ficção na subjetividade do meu olhar sobre o outro e no olhar do outro sobre mim.  
 3.3 Relação entre autoestima e o fetiche.

### 4 Atividades

4.1 Fazer a chamada; (3min.)  
 4.2 Abordar a turma sobre a experiência da produção do autorretrato. (2min.)  
 4.3 Reproduzir o vídeo *Dove Retratos da Real Beleza (Versão Estendida)* e abrir a discussão para as questões da realidade e da ficção. A reprodução deverá acontecer duas vezes já que o vídeo é legendado talvez nem todos os alunos estejam habituados a assistir vídeos com legenda. (7min.)  
 4.4 Reintroduzir o conceito de subjetividade (3min.)  
 4.5 Problematizar o vídeo com questões tais como: Parece haver uma moral da história no vídeo, não? Quais são os produtos da marca Dove? Quais seriam as possíveis intencionalidades da marca com tal propaganda? Esse vídeo poderia de alguma maneira ser uma boa propaganda para os produtos da Dove? (5min.)  
 5 Assistir o trecho do filme *1,99, um supermercado que vende palavras* (que é o vídeo *Consumo parte 1 Filme 1,99*, de Marcelo Masagão investiga consumismo). (4min)  
 6 Introduzir a ideia do fetiche, ainda que sorrateiramente já que no próximo vídeo será mostrado o próprio diretor do filme comentando sobre isso. (2min)  
 7 Discutir os aspectos do filme que chamaram a atenção dos alunos. (3min)  
 8 Assistir o vídeo *Marcelo Masagão comenta sobre o filme 1,99* (2min)  
 9 Fazer a relação da propaganda da dove com a ideia do consumo. (2min)  
 9.1 Se houver tempo (caso não se retome a apresentação dos colegas), pedir que os alunos façam uma breve descrição da propaganda da Dove, e também que façam um comentário crítico relacionando com o que foi discutido na sala de aula. São dois textos distintos. (12min.)  
 9.2 Encerrar a aula.

## **10 Metodologia**

5.1 Aula expositiva e dialogada. Debate. Dinâmica Oral. Leitura Audiovisual.

## **11 Recursos Didáticos**

11.1 Reprodutor multimídia.

## **12 Avaliação**

12.1 Serão avaliados os seguintes aspectos: o envolvimento dos alunos durante as discussões com base nas respostas aos questionamentos propostos pelo professor estagiário e nos questionamentos dos alunos, assim como seu engajamento na atividade de apresentação.

## **13 Referências**

CONSUMO PARTE 1 FILME 1,99, DE MARCELO MASAGÃO INVESTIGA CONSUMISMO. Youtube. 2013. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=\\_RuerJ7jtm0](http://www.youtube.com/watch?v=_RuerJ7jtm0)>. Acesso em: 24 setembro 2013.

DOVE RETRATOS DA REAL BELEZA: VERSÃO EXTENDIDA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=II0nz0LHbcM>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

MARCELO MASAGÃO COMENTA SOBRE O FILME 1,99. Youtube. 2013. Disponível em:<<http://www.youtube.com/watch?v=Ed3GCZgP77M>>. Acesso 22 outubro 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
Professora regente: Rosa Maria do Amaral Pereira Cortinaz  
Disciplina: Português  
Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Série: 1º ano – Turma 113

## **Plano de aula 5 (1 aula de 45 min)**

### **1 Objetivo Geral**

1.1 Refletir sobre conceitos tradicionais de literatura na relação arte e realidade.

### **2 Objetivos Específicos**

2.1 Compreender as implicações de mimese e verossimilhança a partir de exemplos, relacionando-os com noções de real e ficcional.

### **3 Conteúdo**

3.1 Vídeos *Dia e Noite* de Teddy Newton e *Depoimento* do canal Porta dos Fundos;

3.2 Mimese e verossimilhança.

### **4 Atividades**

4.1 Fazer a chamada; (5min.)

4.2 Retomar as discussões da aula passada que problematizaram a questão do real e da ficção. (5min.)

4.3 Salientar aos alunos que a aula se pautará na ficção ou, mais especificamente, na problemática da conexão entre a arte e o real.

4.4 Exibir os vídeos *Dia e Noite* de Teddy Newton e *Depoimento* do canal Porta dos Fundos. (10min.)

4.5 Solicitar que os alunos opinem sobre os filmes com questões indutivas. (5min.)

4.6 Sobre ambos: são histórias reais?

4.7 Sobre o primeiro vídeo: tiveram algum estranhamento? Já viram acontecer histórias semelhantes? Se não, por quê? Personificações do Sol e da Lua são possíveis? Se não, por quê?

4.8 Sobre o segundo vídeo: tiveram algum estranhamento? Já viram acontecer histórias semelhantes? O retrato falado criado na história é possível? Se não, por quê? Se sim, é plausível? (5min.)

4.9 Sobre ambos: podemos dizer que são histórias ficcionais?

4.10 A partir de todas as questões anteriores, introduzir os conceitos de Mimese e Verossimilhança e relacionar com os dois vídeos e de como tais aspectos são importantes para pensar os efeitos que cada um dos vídeos causa (se necessário, rever os vídeos). (13min.)

4.11 Salientar ainda o aspecto do retrato falado que se fez presente no segundo vídeo. Que há um grau de realidade diferente em relação aos retratos falados da propaganda não se pode negar, mas de qualquer maneira, todos são ficcionais. (2min.)

4.12 Encerrar a aula.

### **5 Metodologia**

5.1 Aula expositiva e dialogada. Leitura audiovisual.

## **6 Recursos Didáticos**

### 6.1 Reprodutor multimídia.

## **7 Avaliação**

7.1 Serão avaliados os seguintes aspectos: o envolvimento dos alunos durante as discussões e durante a reflexão com a turma sobre as questões pertinentes aos vídeos, com base nas respostas aos questionamentos propostos pelo professor estagiário e nos questionamentos dos alunos.

## **8 Referências**

DEPOIMENTO. Youtube. 2013. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=T3UiOCry06w>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

DIA & NOITE. Youtube. 2013. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=aXQf1Z8GxO4>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
Professora regente: Rosa Maria do Amaral Pereira Cortinaz  
Disciplina: Português  
Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Série: 1º ano – Turma 113

## **Plano de aula 6 (1 aula de 45 min)**

### **1 Objetivo Geral**

1.1 Refletir sobre memória e lembrança enquanto acessos ao passado perpassados pela subjetividade atual.

### **2 Objetivos Específicos**

- 2.1 Refletir sobre memória, lembrança, esquecimento e subjetividade;
- 2.2 Ler o conto *Medo da Eternidade*, de Clarice Lispector;
- 2.3 Responder as questões de compreensão leitora.

### **3 Conteúdo**

- 3.1 Memória, lembrança, esquecimento e subjetividade;
- 3.2 Conto *Medo da Eternidade*, de Clarice Lispector.

### **4 Atividades**

- 4.1 Fazer a chamada; (5min.)
- 4.2 Devolução e observação dos textos (autorretrato) com as notas e correções.
- 4.3 Iniciar a aula falando sobre memória, lembrança, esquecimento e subjetividade, retomando as discussões trazidas na aula passada; (2min.)
- 4.4 Retomar o conceito de subjetividade; (2min.)
- 4.5 Expor, através do quadro negro, estes conceitos (memória e lembrança); Durante a exposição no quadro negro, pedir que um dos alunos procure os três conceitos no dicionário; Conceituar as duas coisas como acesso ao passado, mas sempre, a partir do presente, dos desejos do presente ou de pequenos eventos do presente que desencadeiam pensamentos sobre o passado; (9min.)
- 4.6 Ler o conto *Medo da Eternidade*, de Clarice Lispector; (15min.)
- 4.7 Conversar com os alunos sobre o texto, induzindo uma discussão sobre a lembrança, o prazer infantil, os detalhes que compõem as memórias de infância, etc; (5min.)
- 4.8 Passar questões de compreensão leitora no quadro: Qual é a 'eternidade' a qual a autora se refere no conto? O que acontece no conto? Qual é o prazer infantil existente ali? Quem escreve é quem protagoniza a história? Você acha que a memória retrata fielmente o que aconteceu, ou é a visão presente sobre o passado que cria essa memória? (5min.)
- 4.9 Auxiliar os alunos, caso necessário, nas respostas;
- 4.10 Ouvir as respostas dos alunos;
- 4.11 A partir da última questão, iniciar uma discussão sobre memória e verdade: até que ponto o meu olhar contemporâneo sobre o passado refaz uma lembrança fiel?
- 4.12 Induzir os alunos a pensarem sobre isso; Citar como exemplo brigas; (2min.)
- 4.13 Encerrar a aula.

### **5 Metodologia**

5.1 Aula expositiva e dialogada. Leitura textual.

## 6 Recursos Didáticos

6.1 Trinta (30) cópias do conto *Medo da Eternidade*, de Clarice Lispector.

## 7 Avaliação

7.1 Serão avaliados os seguintes aspectos: o envolvimento dos alunos durante as discussões e durante a reflexão com a turma sobre as questões pertinentes aos vídeos, com base nas respostas aos questionamentos propostos pelo professor estagiário e nos questionamentos dos alunos, assim como a resolução das questões de compreensão leitora.

## 8 Referências

LISPECTOR, Clarice. O medo da eternidade. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

## 9 Anexos

### Medo da Eternidade

#### Clarice Lispector

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

- Como não acaba? - Parei um instante na rua, perplexa.
- Não acaba nunca, e pronto.
- Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual já começara a me dar conta.
- Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.
- E agora que é que eu faço? - Perguntei para não errar no ritual que certamente deveira haver.
- Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.
- Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhá-vamos para a escola.

- Acabou-se o docinho. E agora?
- Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu

mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atrevesando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

- Olha só o que me aconteceu! - Disse eu em fingidos espanto e tristeza. - Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

- Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra na boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
Professora regente: Rosa Maria do Amaral Pereira Cortinaz  
Disciplina: Português  
Estagiário Responsável pela Aula: Júlia Maccari Espíndula  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Série: 1º ano – Turma 113

## **Plano de aula 7 (3 aulas de 45 min)**

### **1 Objetivo Geral**

- 1.1 Perceber a lembrança, neste caso a de infância, como algo que é perpassado pelo olhar contemporâneo;
- 1.2 Refletir sobre as relações entre fotografia, identidade e memória.

### **2 Objetivos Específicos**

- 2.1 Ler os contos *Restos do Carnaval e Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector;
- 2.2 Ler o primeiro capítulo do livro *Feliz Ano Velho* de Marcelo Rubens Paiva;
- 2.3 Ler o texto *Recordação* de Antônio Prata;
- 2.4 Assistir aos vídeos *História Da Fotografia – Ecopixbrasil e Recordação*;
- 2.5 Compreender que a memória é também contemporânea, pois ao recontar algo, o olhar atual está intrínseco;
- 2.6 Escrever um relato de infância baseado em memórias;
- 2.7 Conhecer a história da fotografia e refletir sobre a presença dela na vida do ser humano.

### **3 Conteúdo**

- 3.1 Contos *Restos do Carnaval e Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector;
- 3.2 Primeiro capítulo do livro *Feliz Ano Velho* de Marcelo Rubens Paiva;
- 3.3 Texto *Recordação* de Antônio Prata,
- 3.4 Vídeos *História Da Fotografia – Ecopixbrasil e Recordação*;
- 3.5 Relação entre memória, verdade, fotografia e o contemporâneo.

### **4 Atividades**

- 4.1 Fazer a chamada;
- 4.2 Ler os contos *Restos do Carnaval e Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector ilustrando a memória enquanto lembrança, visão contemporânea sobre o passado; (15min.)
- 4.3 Durante a leitura, abordar aspectos característicos do conto em relação à leitura dele.
- 4.4 Voltar à discussão da última aula sobre memória e verdade: até que ponto o meu olhar contemporâneo sobre o passado refaz uma lembrança fiel?; (5 min)
- 4.5 Solicitar que os alunos escrevam um texto, baseado em relatos pessoais ou inteiramente ficcionais, contando uma memória de infância; (25min.)
- 4.6 Pedir que leiam os textos em voz alta; (10 min)
- 4.7 Recolher os textos;
- 4.8 Entregar o primeiro capítulo do livro *Feliz Ano Velho* de Marcelo Rubens Paiva e realizar a leitura em voz alta; (10 min)
- 4.9 Levantar o vocabulário desconhecido do texto;
- 4.10 Questionar se alguma vez algo semelhante ao texto aconteceu na vida dos alunos: a visão que tinham do que havia acontecido com eles era a mais longe do real; (5 min)

- 4.11 Introduzir o assunto fotografia, dando um panorama histórico; (5 min)
- 4.12 Reproduzir o vídeo *História Da Fotografia – Ecopixbrasil*; (3 min)
- 4.13 Questionar os alunos: por que e como tiram fotos? (10 min)
- 4.14 Introduzir o texto *Recordação* de Antônio Prata: uma visão distinta sobre a foto.
- 4.15 Reproduzir o vídeo *Recordação*; (7 min)
- 4.16 Ler o texto *Recordação* de Antônio Prata em voz alta; (5 min)
- 4.17 Conversar com os alunos: A foto revela a pessoa ou revela o jeito como a pessoa gostaria de ser lembrada? Até que ponto o que gostaríamos de ser nos torna, de fato, o que somos? O que somos de fato? Essa visão sobre nós mesmo não é também uma ficção, uma máscara que criamos? (10 min)
- 4.18 Passar as questões supracitadas no quadro e pedir que os alunos respondam; ( 15 min)
- 4.19 Ouvir as respostas; (10 min)
- 4.20 Encerrar a aula.

## 5 Metodologia

5.1 Aula expositiva; Produção textual.

## 6 Recursos Didáticos

- 6.1 Trinta (30) cópias dos textos *Restos do Carnaval* e *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector, *Feliz Ano Velho* de Marcelo Rubens Paiva e *Recordação* de Antônio Prata;
- 6.2 Trinta (30) folhas em branco para a produção textual;
- 6.3 Reprodutor multimídia.

## 7 Avaliação

- 7.1 Serão avaliados os seguintes aspectos: o envolvimento dos alunos durante as discussões; a expressividade, entonação, ritmo e fluência na leitura oral do conto e durante a reflexão com a turma sobre as questões pertinentes ao texto, com base nas respostas aos questionamentos propostos pelo professor estagiário e nos questionamentos dos alunos, e também o engajamento na produção escrita da memória de infância.

## 8 Referências

LISPECTOR, Clarice. *O medo da eternidade*. In: *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Restos de Carnaval*. In: *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PAIVA, Rubens. *Feliz Ano Velho*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PRATA, Antônio. *Recordação*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/112455-recordacao.shtml>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

História Da Fotografia – Ecopixbrasil. Youtube. 2013.  
Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=4cSMG5XAq7c> >. Acesso em: 27 de novembro de 2013.

Recordação. Youtube.2013.  
Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=QhhsJyodPHs>>. Acesso em: 27 de novembro de 2013.

## 9 Anexos

### 9.1 Felicidade Clandestina

#### Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme; enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudade".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As renações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às

vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

## **9.2 Restos do Carnaval**

### **Clarice Lispector**

Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. Até que viesse o outro ano. E quando a festa já ia se aproximando, como explicar a agitação que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu. No entanto, na realidade, eu dele pouco participava. Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam

fantasiado. Em compensação deixavam-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé de escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem. Duas coisas preciosas eu ganhava então e economizava-as com avareza para durarem os três dias: um lança-perfume e um saco de confete. Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz.

E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara. À porta do meu pé de escada, se um mascarado falava comigo, eu de súbito entrava no contato indispensável com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério. Até meu susto com os mascarados, pois, era essencial para mim. Não me fantasiavam: no meio das preocupações com minha mãe doente, ninguém em casa tinha cabeça para carnaval de criança. Mas eu pedia a uma de minhas irmãs para enrolar aqueles meus cabelos lisos que me causavam tanto desgosto e tinha então a vaidade de possuir cabelos frisados pelo menos durante três dias por ano. Nesses três dias, ainda, minha irmã acedia ao meu sonho intenso de ser uma moça - eu mal podia esperar pela saída de uma infância vulnerável - e pintava minha boca de batom bem forte, passando também ruge nas minhas faces. Então eu me sentia bonita e feminina, eu escapava da meninice. Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir pouco. É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino Rosa. Para isso comprara folhas e folhas de papel crepom cor-de-rosa, com os quais, suponho, pretendia imitar as pétalas de uma flor. Boquiaberta, eu assistia pouco a pouco à fantasia tomando forma e se criando. Embora de pétalas o papel crepom nem de longe lembrasse, eu pensava seriamente que era uma das fantasias mais belas que jamais vira. Foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado: sobrou papel crepom, e muito. E a mãe de minha amiga - talvez atendendo a meu mudo apelo, ao meu mudo desespero de inveja, ou talvez por pura bondade, já que sobrara papel - resolveu fazer para mim também uma fantasia de rosa com o que restara de material. Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma.

Até os preparativos já me deixavam tonta de felicidade. Nunca me sentira tão ocupada: minuciosamente, minha amiga e eu calculávamos tudo, embaixo da fantasia usaríamos combinação, pois se chovesse e a fantasia se derretesse pelo menos estaríamos de algum modo vestidas - à idéia de uma chuva que de repente nos deixasse, nos nossos pudores femininos de oito anos, de combinação na rua, morríamos previamente de vergonha - mas ah! Deus nos ajudaria! não choveria! Quando ao fato de minha fantasia só existir por causa das sobras de outra, engoli com alguma dor meu orgulho que sempre fora feroz, e aceitei humilde o que o destino me dava de esmola. Mas por que exatamente aquele carnaval, o único de fantasia, teve que ser tão melancólico? De manhã cedo no domingo eu já estava de cabelos enrolados para que até de tarde o frisado pegasse bem. Mas os minutos não passavam, de tanta ansiedade. Enfim, enfim! Chegaram três horas da tarde: com cuidado para não rasgar o papel, eu me vesti de rosa. Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruge - minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. Fui correndo vestida de rosa - mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil - fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava. Quando horas depois a atmosfera em casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim. E, como nas histórias que eu havia lido, sobre fadas que encantavam e desencantavam pessoas, eu fora desencantada; não era mais uma rosa, era de novo uma simples menina. Desci até a rua e ali de pé eu não era uma flor, era um palhaço pensativo de lábios encarnados. Na minha fome de sentir êxtase, às vezes começava a ficar alegre mas com remorso lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria. Só horas depois é que veio a salvação. E se depressa agarrei-me a ela é porque tanto precisava me salvar. Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim e, numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos já lisos de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa.

### 9.3 Primeiro capítulo do livro *Feliz Ano Velho*

BIIIIIN  
14 DE DEZEMBRO DE 1979  
17 HORAS  
SOL EM CONJUNÇÃO COM NETUNO  
E EM OPOSIÇÃO A VÊNUS

Subi numa pedra e gritei:

– Aí Gregor, vou descobrir o tesouro que você escondeu aqui embaixo, seu milionário disfarçado.

Pulei com a pose do Tio Patinhas, bati a cabeça no chão e foi aí que ouvi a melodia: biiiiiin. Estava debaixo d'água, não mexia os braços nem as pernas, somente via a água barrenta e ouvia: biiiiiin. Acabara todo a loucura, baixou o santo e me deu um estado total de lucidez: "estou morrendo afogado". Mantive a calma, prendi a respiração sabendo que ia precisar dela para boiar e agüentar até que alguém percebesse e me tirasse dali. "Calma, cara, tente. pensar em alguma coisa." Lembrei que sempre tivera curiosidade em saber como eram os cinco segundos antes da morte, aqueles em que o bandido com vinte balas no corpo suspira...

–Sim, Xerife, o dinheiro do banco está enterrado na montanha azul.

Por que o cara não manda todo o mundo tomar no cu e morre em paz? O fôlego tava acabando, "devem pensar que estou brincando". Era estranho não estar mexendo nada, não sentia nenhuma dor e minha cabeça estava a mil por hora. "Como é que vai ser? Vou engolir muita água ? Será que vai vir uma caveira com uma foice na mão?"

–Venha bonecão, vamos fazer um passeio para o mundo do além, uuuaaaaaa!!!

Será que vou pro céu? Acho que não, as últimas missas a que fui eram as de sétimo dia dos tios e avós. Depois, não sei se deus gosta de jovens que, vez em quando, dão uma bola, gostam de rock. Pelo menos não é isso que os seus representantes na Terra demonstram. E, meu negócio vai ser com o diabo, vou ganhar chifrinhos, um rabinho em forma de flecha e ficar peladinho, curtindo uma fogueira. De repente estava respirando, alguém me virou.

– Você tá bem?

Era o Professor Urtiga, que me carregava no colo. Sem saber o que dizer, pedi uma respiração boca a boca. Ele me olhou assustado e foi me levando pra margem fazendo a respiração. Já em chão firme, os bêbados e loucos falavam:

– Êi, Marcelo, levanta!

– Que é isso, Paiva?

– E aí, tinha muito ouro?

– Levanta, que ele fica bom logo, é só dar uma chacoalhada.

– Isso, me levanta, eu devo estar meio bêbado.

Me levantaram, mas não deu em nada. Todos ficaram impressionados, logo começaram a transar uma ida a um hospital qualquer: uma cabeça mágica arrumou uma tábua. Deitaram-me e fomos até onde estavam os carros. Não havia dúvidas de que a Kombi era o melhor deles. Entraram Urtiga, Florência, Marcinha, Gregor e não sei mais quem. Urtiga foi cantando em castelhano, imaginei que fosse algum ritual maia, já que ele é mexicano. Gregor foi cutucando meu pé e chamou seu deus que até hoje não sei quem é, Marcinha apelou pro Pai Nosso e a Florência só chorava. O caminho tava demorando, mas eu nem me importava, tava gostoso ali, deitado, ouvindo o canto maia, com a

certeza de que nada de grave havia acontecido. No hospital me dariam uma injeção qualquer e tudo bem. Urtiga começou a passar a mão na minha cabeça. Reparei que ele tava preocupado, olhei pra sua mão e vi que estava toda ensangüentada. Só poderia ser de algum corte da minha cabeça. Chegando no pronto-socorro, percebi que o negócio era sério: maca, oxigênio, enfermeiros, médicos, maca correndo, teto branco, todo o mundo olhando, mesa de Raio X.

- Sente aqui?
- Não.
- E aqui?
- Só acima do pescoço.
- Ih, meu deus...

Veio uma mulher: disse calmamente meu nome e pedi para avisar minha família em São Paulo.

–Ah! Avisa também o Dr. Miguel aqui em Campinas. O telefone dele é 29045.

Não sei como consegui lembrar o telefone do pai da minha ex-girl. Comecei a pensar nela, doce Lalá, faz quase dois anos e não teve outra paixão igual. Lembrei me de que sempre a gente ia jantar fora, pedíamos vinho e ficávamos tão bêbados que todas as privadas de bares campineiros estavam registradas com meu vômito.

- Não, moça, não corte minha unha, é que eu toco violão e vou fazer uma gravação neste fim de semana. Seria a primeira vez que ia entrar num estúdio profissional.
- Guarda esse colar, que ele é muito especial.
- Pô, meu cabelo não, é que eu sou muito vaidoso. Me deixaram carequinha, carequinha. Apaguei.

#### **9.4 Recordação**

##### **Antônio Prata**

"Hoje a gente ia fazer 25 anos de casado", ele disse, me olhando pelo retrovisor. Fiquei sem reação: tinha pegado o táxi na Nove de Julho, o trânsito estava ruim, levamos meia hora para percorrer a Faria Lima e chegar à rua dos Pinheiros, tudo no mais asséptico silêncio, aí, então, ele me encara pelo espelhinho e, como se fosse a continuação de uma longa conversa, solta essa: "Hoje a gente ia fazer 25 anos de casado".

Meu espanto, contudo, não durou muito, pois ele logo emendou: "Nunca vou esquecer: 1º de junho de 1988. A gente se conheceu num barzinho, lá em Santos, e dali pra frente nunca ficou um dia sem se falar! Até que cinco anos atrás... Fazer o que, né? Se Deus quis assim...".

Houve um breve silêncio, enquanto ultrapassávamos um caminhão de lixo e consegui encaixar um "Sinto muito". "Obrigado. No começo foi complicado, agora tô me acostumando. Mas sabe que que é mais difícil? Não ter foto dela." "Cê não tem nenhuma?" "Não, tenho foto, sim, eu até fiz um álbum, mas não tem foto dela fazendo as coisas dela, entendeu? Que nem: tem ela no casamento da nossa mais velha, toda arrumada. Mas ela não era daquele jeito, com penteado, com vestido. Sabe o jeito que eu mais lembro dela? De avental. Só que toda vez que tinha almoço lá em casa, festa e alguém aparecia com uma câmera na cozinha, ela tirava correndo o avental, ia arrumar o cabelo, até ficar de um jeito que não era ela. Tenho pensado muito nisso aí, das fotos, falo com os passageiros e tal e descobri que é assim, é do ser humano, mesmo. A pessoa, olha só, a pessoa trabalha todo dia numa firma, vamos dizer, todo dia ela vai lá e nunca tira uma foto da portaria, do bebedor, do banheiro, desses lugares que ela fica o tempo inteiro. Aí, num fim de semana ela vai pra uma praia qualquer, leva a câmera, o celular e tchuf, tchuf, tchuf. Não faz sentido, pra que que a pessoa quer

gravar as coisas que não são da vida dela e as coisas que são, não? Tá acompanhando? Não tenho uma foto da minha esposa no sofá, assistindo novela, mas tem uma dela no jet ski do meu cunhado, lá na Guarapiranga. Entro aqui na Joaquim?" "Isso."

"Ano passado me deu uma agonia, uma saudade, peguei o álbum, só tinha aqueles retratos de casório, de viagem, do jet ski, sabe o que eu fiz? Fui pra Santos. Sei lá, quis voltar naquele bar." "E aí?!" "Aí que o bar tinha fechado em 94, mas o proprietário, um senhor de idade, ainda morava no imóvel. Eu expliquei a minha história, ele falou: Entra'. Foi lá num armário, trouxe uma caixa de sapatos e disse: É tudo foto do bar, pode escolher uma, leva de recordação'."

Paramos num farol. Ele tirou a carteira do bolso, pegou a foto e me deu: umas 50 pessoas pelas mesas, mais umas tantas no balcão. "Olha a data aí no cantinho, embaixo." "1º de junho de 1988?" "Pois é. Quando eu peguei essa foto e vi a data, nem acreditei, corri o olho pelas mesas, vendo se achava nós aí no meio, mas não. Todo dia eu olho essa foto e fico danado, pensando: será que a gente ainda vai chegar ou será que a gente já foi embora? Vou morrer com essa dúvida. De qualquer forma, tá o testemunho: foi nesse lugar, nesse dia, tá fazendo 25 anos, hoje. Ali do lado da banca, tá bom pra você?"



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
Professora regente: Rosa Maria do Amaral Pereira Cortinaz  
Disciplina: Português  
Estagiário Responsável pela Aula: Júlia Maccari Espíndula  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Série: 1º ano – Turma 113

## **Plano de aula 8 (1 aula de 45 min)**

### **1 Objetivos**

1.1 Reflexões sobre *punctum* e *studium* na fotografia.

### **2 Objetivos Específicos**

2.1 Fixar os conceitos de *punctum* e *studium*;

### **3 Conteúdo**

3.1 *Punctum* e *studium*.

### **4 Atividades**

4.1 Iniciar a aula explicando o que é *punctum* e *studium* e contextualizando Barthes; (15 min)

4.2 Escrever os conceitos de *punctum* e *studium* no quadro e pedir aos alunos que os copiem no caderno; (5 min)

4.3 Ilustrar essas noções com um exemplo pessoal: mostrar uma foto e dizer qual o *punctum* e o *studium* para o professor; (5 min)

4.4 Propor um exercício: os alunos devem se organizar em duplas e olhar fotos célebres do cinema. Cada um escreverá qual foi o *studium* e o *punctum* para si. Assim, poderão compreender a subjetividade presente nestes conceitos; (15 min)

4.5 Ouvir as respostas; (5 min)

4.6 Lembrar os alunos de trazerem fotos suas de crianças na próxima aula;

4.7 Encerrar a aula.

### **5 Metodologia**

5.1 Aula expositiva e dialogada; Dinâmica com fotos.

### **6 Recursos Didáticos**

6.1 Fotos célebres do cinema;

6.2 Foto pessoal.

### **7 Avaliação**

7.1 Os alunos serão avaliados pelos seguintes aspectos: engajamento nas reflexões, envolvimento na atividade solicitada pelo professor estagiário.

### **8 Referências**

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara. Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
Professora regente: Rosa Maria do Amaral Pereira Cortinaz  
Disciplina: Português  
Estagiário Responsável pela Aula: Júlia Maccari Espíndula  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Série: 1º ano – Turma 113

## **Plano de aula 9 (2 aulas de 45 min)**

### **1 Objetivo Geral**

- 1.1 Compreender melhor as noções gramaticais sobre pronomes relativos.
- 1.2 Escrever um texto utilizando-se dos conhecimentos sobre *punctum* e *studium*, assim como as reflexões feitas anteriormente sobre memória, subjetividade e ficção.

### **2 Objetivos Específicos**

- 2.1 Compreender os pronomes relativos;
- 2.2 Fazer exercícios sobre pronomes relativos;
- 2.3 Escrever um texto utilizando a foto que receberam trazida pelo colega.

### **3 Conteúdo**

- 3.1 *Punctum* e *studium*;
- 3.2 Memória, subjetividade e ficção;
- 3.3 Pronome relativo.

### **4 Atividades**

- 4.1 Fazer a chamada; (5min.)
- 4.2 Explicar o que é pronome relativo, os seus usos e dar exemplos; (10 min)
- 4.3 Entregar uma folha com exercícios sobre pronomes relativos para os alunos responderem;
- 4.4 Auxiliar os alunos na resolução do exercício; (10 min)
- 4.5 Corrigir o exercício em voz alta juntamente com os alunos utilizando o quadro negro; (10 min)
- 4.6 Pedir que troquem entre si as fotos de criança que trouxeram para que possam realizar a atividade que será proposta a seguir;
- 4.7 Propor aos alunos que escrevam uma história sobre a foto que receberam partindo ou do *punctum* ou do *studium* da foto; (10 min)
- 4.8 Circular pela sala no momento de produção escrita dos alunos; (45 min)
- 4.9 Recolher os textos e encerrar a aula.

### **5 Metodologia**

- 5.1 Aula expositiva; Produção textual.

### **6 Recursos Didáticos**

- 6.1 Trinta (30) folhas em branco para a produção textual dos alunos;
- 6.2 Trinta (30) cópias dos exercícios que os alunos deverão resolver.

### **7 Avaliação**

7.1 A avaliação da aula dependerá da avaliação geral da produção dos alunos e do seu engajamento no processo de feitura do texto, além da responsabilidade em cumprir a tarefa solicitada pelo professor na aula anterior.

## 8 Referências

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara. Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

## 9 Anexos

### 1. (FATEC-SP) – Assinale a alternativa que completa corretamente as três frases que seguem:

- I. O século ..... vivemos tem trazido grandes transformações ao planeta.
- II. O ministro reafirma a informação ..... o presidente se referiu em seu último pronunciamento.
- III. Todos lamentavam a morte do editor ..... publicou obras importantes do Modernismo.

- a) onde - a que - que
- b) onde - a que - cujo
- c) em que - que - o cujo
- d) em que - a que - que
- e) em que - de que - o qual

### 2. (UFV-MG) – Assinale a alternativa cuja seqüência completa CORRETAMENTE as frases abaixo:

- A lei ..... se referiu já foi revogada.  
 Os problemas ..... se lembraram eram muito grandes.  
 O cargo ..... aspiras é muito importante.  
 O filme ..... gostou foi premiado.  
 O jogo ..... assistimos foi movimentado.

- a) que, que, que, que, que
- b) a que, de que, que, que, a que
- c) que, de que, que, de que, que
- d) a que, de que, a que, de que, a que
- e) a que, que, que, que, a que

### 3. (PUC-PR) – Empregue o pronome relativo acompanhado ou não de preposição.

1. Fez o anúncio \_\_\_\_\_ todos ansiavam.
2. Avise-me \_\_\_\_\_ consistirá o concurso.
3. Existe um decreto \_\_\_\_\_ devemos obedecer.
4. Foi bom o jogo \_\_\_\_\_ assisti.
5. Era nobre o objetivo \_\_\_\_\_ visava.

Na ordem, foram empregados:

- a) que – em que – ao qual – que – a que
- b) que – de que – a quem – que – em que
- c) do qual – por que – a que – ao qual – de que
- d) pelo qual – de que – cujo – que – que
- e) pelo qual – de que – ao qual – a que – a que

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
Professora regente: Rosa Maria do Amaral Pereira Cortinaz  
Disciplina: Português  
Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Série: 1º ano – Turma 113

## **Plano de aula 10 (1 aula de 45 min)**

### **1 Objetivo Geral**

1.1 Reflexão epilinguística.

### **2 Objetivos Específicos**

2.1 Refletir sobre as inadequações que apareceram nos textos causados por confusão entre oralidade e escrita, pelo não entendimento da proposta, pela incoerência e ausência de coesão etc.

### **7 Conteúdo**

7.1 Reescritura.

### **8 Atividades**

8.1 Fazer a chamada; (3min.)

8.2 Fazer uma análise geral dos textos, e dos aspectos a serem corrigidos. Pedir que se atentem aos comentários específicos dos textos que cada um recebeu. (14 min)

8.3 Releitura (27 min)

8.4 Aos que forem terminando, pedir que leiam em voz alta.

8.5 Encerrar a aula.

### **9 Metodologia**

5.1 Leitura em voz alta; socialização das produções; produção textual;

### **10 Recursos Didáticos**

10.1 Quadro negro.

### **11 Avaliação**

7.1 Os alunos serão avaliados pela produção textual.

### **12 Referências**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
Professora regente: Rosa Maria do Amaral Pereira Cortinaz  
Disciplina: Português  
Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Série: 1º ano – Turma 113

### **Plano de aula 11 (2 aulas de 45 min)**

#### **1 Objetivo Geral**

1.1 Refletir sobre os temas: memória, subjetividade e viagens; e de como tais temas podem influenciar o registro da experiência.

#### **2 Objetivos Específicos**

- 1.1 Discutir registros fotográficos, a partir da viagem.
- 1.2 Discutir as fotografias clichês.
- 2.3 Assistir ao vídeo *La Maison em Petit Cubes*.
- 2.4 Refletir de maneira breve sobre todos os temas trabalhados durante as aulas.
- 2.5 Encerrar o projeto

#### **3 Conteúdo**

- 3.1 Vídeo *La Maison em Petit Cubes*.
- 3.2 Textos de viagem
- 3.3 Fotos clichês de viagem.

#### **4 Atividades**

- 4.1 Fazer a chamada;
- 4.2 Distribuir o texto *Um Homem Precisa Viajar* de Amyr Klink para a turma;
- 4.3 Ler em voz alta; (3min.)
- 4.4 Escrever no quadro: Você concorda que o ser humano precisa conhecer outros lugares além daquele a que pertence? Por quê? (5 min)
- 4.5 Ler o texto *Uma Vez Fui Viajar E Não Voltei* de Marcelo Pentecostelo; (5 min.)
- 4.6 Discutir: O que a frase 'toda viagem é uma ida sem volta' quer dizer? Fazer com que digam se concordam ou não concordam. (4min.)
- 4.7 Dizer aos alunos o porquê de se trazer os textos que acabaram de ler. Falar que nas viagens registramos as coisas por algum viés (nunca é fiel nem imparcial) tanto na memória quanto nos registros fotográficos. (4min)
- 4.8 Apresentar aos alunos registros fotográficos clichês de viagens; Explicar o que é um clichê, se assim for necessário; Expandir a ideia dos clichês para outras áreas, sobretudo, do campo da cultura. Mostrar a foto, explicando onde é o lugar; (15min.)
- 4.9 Perguntar qual a opinião deles sobre as fotos: Por que todos tiram as mesmas fotos nos mesmos lugares? Algum deles tem alguma dessas fotos? Estar nesses lugares e não tirar essas fotos é o mesmo que não estar? Por que a foto é um atestado de veracidade da presença naquele lugar? (5min.)
- 4.10 Relatar, juntamente com o outro professor estagiário, experiências pessoais em viagens e mostrar para a turma fotos pessoais. (3min.)
- 4.11 Apresentar registros fotográficos cotidianos clichês (9 min.).

- 4.12 Apresentar a proposta e fazer registros fotográficos da turma se baseando nos clichês apresentados anteriormente. (20 min)
- 4.13 Introduzir e reproduzir o vídeo *La Maison em Petit Cubes* para ilustrar todos os temas do projeto, pois o mesmo mostra a ‘viagem’ de um senhor em busca de seu cachimbo (que de certa maneira é um *punctum*), passando por vários momentos de seu passado e revivendo sua memória e sua casa, a partir do seu próprio ponto de vista do tempo presente; (16min.)
- 4.14 Ler, juntamente com a turma, o texto de encerramento elaborado pelos professores estagiários. (6min.)
- 4.15 Conversar com os alunos encerrando o projeto: o que acharam, se gostaram, o que aprenderam, apresentar os resultados e as notas etc; (10min.)
- 4.16 Encerrar a aula.

## 5 Metodologia

5.1 Síntese dos conteúdos estudados; valoração da experiência; aula dinâmica

## 6 Recursos Didáticos

6.1 Reprodutor multimídia;

6.2 Trinta (30) cópias do texto de encerramento elaborado pelos professores estagiários.

## 7 Avaliação

7.1 Os alunos serão avaliados pela atenção dispensada às reflexões e ao vídeo, assim como pelo seu engajamento na atividade do registro fotográfico.

## 8 Referências

KLINK, Amyr. Disponível em: <<http://tocandoemfte.blogspot.com.br/2011/11/um-homem-precisa-viajar.html>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

LA MAISON EM PETIT CUBES. Youtube. 2010 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=s4QLukT-cvw>> Acesso em: 24 setembro 2013.

PENTEADO, Marcelo. Disponível em: <<http://sigoescrevendo.com/2013/08/26/uma-vez-fui-viajar-e-nao-voltei/comment-page-1/>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

## 9 Anexos

### Um Homem Precisa Viajar

Amyr Klink

Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver.

### Uma Vez Fui Viajar E Não Voltei

Marcelo Penteado

Uma vez fui viajar e não voltei.

Não por rebeldia ou por ter decidido ficar; simplesmente mudei.

Cruzei fronteiras que eu nunca imaginaria cruzar. Nem no mapa, nem na vida. Fui tão longe que olhar para trás não era confortável, era motivador.

Conheci o que posso chamar de professores e acessei conhecimentos que nenhum livro poderia me ensinar.

Não por serem secretos, mas por serem vivos.

Acrescentei ao dicionário da minha vida novos significados para educação, medo e respeito.

Reaprendi o valor de alguns gestos. Como quando criança, a espontaneidade de sorrisos e olhares faz valer a comunicação mais universal que há – a linguagem da alma.

Fui acolhido por pessoas, famílias, estranhos, bancos e praças. Entre chãos e humanos, ambos podem ser igualmente frios ou restauradores.

Conheci ruas, estações, aeroportos e me orgulho de ter dificuldade em lembrar seus nomes. Minha memória compartilha do meu desejo de querer refrescar-se com novos e velhos ares.

Fiz amigos de verdade. Amigos de estrada não sucumbem ao espaço e nem ao tempo. Amigos de estrada cruzam distâncias; confrontam os anos. São amizades que transpassam verões e invernos com a certeza de novos encontros.

Vivi além da minha imaginação. Contrariei expectativas e acumulei riquezas imateriais. Permiti ao meu corpo e à minha mente experimentar outros estados de vivência e consciência.

Redescobri o que me fascina. Senti calores no peito e dei espaço para meu coração acelerar mais do que uma rotina qualquer permitiria.

E quer saber?

Conheci outras versões da saudade. Como nós, ela pode ser dura. Mas juro que tem suas fraquezas. Aliás, ela pode ser linda.

Com ela, reavaliei meus abraços, dei mais respeito à algumas palavras e me apaixonei ainda mais por meus amigos e minha família.

E ainda tenho muito que aprender.

Na verdade, tais experiências apenas me dirigem para uma certeza – que ainda tenho muito lugar para conhecer, pessoas a cruzar e conhecimento para experimentar.

Uma vez fui viajar...

e foi a partir deste momento que entendi que qualquer viagem é uma ida sem volta.

Texto de Encerramento

Caros,

Hoje é nosso último dia com a turma de vocês. Tivemos ao todo dezesseis aulas juntos, na qual vimos muitas coisas. Nosso objetivo desde o começo era colocá-los em contato com a leitura e criar situações para a escrita.

Para isso, utilizamos um tema: a memória. E pela memória, a subjetividade.

Talvez tenhamos sido um pouco repetitivos. Mas ao utilizar a repetição, tínhamos a intenção de deslocar a compreensão de vocês (e também a nossa) sobre o tema.

Juntos, vimos os retratos e autorretratos. Vimos como eles estão repletos de subjetividades e que podem ser utilizados de maneira comercial. Vimos como nossa memória pode ser um desejo e também uma repetição. Vimos, sobretudo, que a memória não é um mero registro.

E por falar em registro, registramos a nossa experiência.

De que maneira ela ficará em nossa memória? Não é possível prever.

Por fim, nós, Julia e Ricardo, agradecemos o acolhimento de vocês e gostaríamos de dizer que foi um prazer estar aqui.

Esperamos que tenham desfrutado.

Muito obrigado professora!

Muito obrigado a todos vocês!

Um abraço,

Júlia e Ricardo.



## **7.5 Projeto Extraclasse – Julia e Ricardo**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Júlia Maccari Espíndula  
Ricardo Dalpiaz

**PROJETO CINEMA E LITERATURA: INTERTEXTUALIDADES**

Florianópolis  
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Júlia Maccari Espíndula  
Ricardo Dalpiaz

Projeto extracurricular apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para aprovação na disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, do Curso Letras Língua Portuguesa e Literatura Vernáculas.

Orientadores: Profa. Daniela Bunn  
Prof. Wladimir Garcia

Florianópolis  
2013

## 1 – JUSTIFICATIVA

Considerando o apelo lúdico que possui o cinema, mesmo com adolescentes e adultos, este projeto pretende utilizá-lo como chamariz para que os alunos se interessem pelas histórias e, conseqüentemente, pelos livros (e pelos escritores) que as originaram. Busca também proporcionar elementos e momentos de reflexão entre as diferenças e similaridades entre cinema e literatura, dois grandes eixos artísticos de produção cultural. Todos esses pontos que são constituintes deste projeto, possuem uma base única: o trabalho com a língua.

## 2 - ESTRATÉGIAS

Desenvolver o gosto e o interesse pela leitura através da apresentação de uma história em duas versões: em linguagem escrita e linguagem audiovisual. Assim os alunos podem ler o texto escrito para verem as diferenças entre a linguagem audiovisual e a linguagem escrita e, posteriormente, se interessando pelos originais escritos que deram origem a outros filmes.

O projeto será executado duas vezes. Uma delas para os alunos do período matutino e outra para os alunos do noturno.

O projeto não será em horário de aula. Portanto, para participar os alunos interessados deverão comparecer no período contrário ao seu período de aula.

## 3 – METODOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
Professora regente: Rosa Maria P. Cortinaz  
Disciplina: Português  
Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz Júlia Maccari Espíndula  
Disciplina: Língua Portuguesa

### **Plano de oficina (quatro aulas de 45 min)**

O projeto prevê um único encontro de três horas de duração (4 aulas) e será executado duas vezes, em períodos distintos. Portanto, a duração total será de seis horas (8 aulas).

### **3.1 Objetivo Geral**

- 3.1.1 Conhecer a proposta da oficina, refletir contemporaneamente sobre os diferentes tipos de linguagem.
- 3.1.2 Desenvolver habilidades de leitura, escrita e interpretação textual, bem como leitura, interpretação e produção audiovisual.

### 3.2 Objetivos Específicos

- 3.2.1 Desenvolver o interesse pelo cinema;
- 3.2.2 Incentivar a leitura de fruição;
- 3.2.3 Incentivar a leitura;
- 3.2.4 Perceber as relações existentes dentro das artes;
- 3.2.5 Ampliar o léxico e o poder de argumentação através do contato com diversos textos 2.6 consequentemente, diversas temáticas.
- 3.2.7 Discutir o gênero roteiro e também o gênero curta-metragem.
- 3.2.8 Elaborar um roteiro.
- 3.2.9 Elaborar um curta-metragem.

### 3.2 Conteúdo

- 3.2.1 Conto;
- 3.2.2 Poesia;
- 3.2.3 Curta-metragem;
- 3.2.4 Roteiro

### 3.4 Metodologia

- 3.4.1 Introdução do projeto. Fazer a apresentação e fazer com que os alunos se apresentem. (7min.)
- 3.4.2 Introduzir historicamente a ideia das adaptações no campo artístico. (8min.)
- 3.4.3 Aludir aos exemplos recentes do cinema e também aos exemplos que os alunos citarem.
- 3.4.4 Contextualizar historicamente o conto *Diante da lei* bem como o seu autor. (5min.)
- 3.4.5 Fazer a leitura do conto e discuti-lo. (10min.)
- 3.4.6 Assistir ao curta-metragem *Diante da lei*. (20min.)
- 3.4.7 Contextualizar historicamente o curta-metragem, bem como os envolvidos na sua produção. (5min.)
- 3.4.8 Discutir a linguagem audiovisual e as diferenças dela para a linguagem estritamente escrita. (10min.)
- 3.4.9 Fazer a leitura do roteiro. (10min.)
- 3.4.10 Discutir o roteiro enquanto gênero. Pensar em como as mudanças do conto para o curta aparecem no roteiro. Repensar os três gêneros envolvidos. (8min.)
- 3.4.12 Ler a poesia *Velha história* de Mário Quintana. Assistir o curta-metragem *Velha história* de Cláudia Jouvin. (7min.)
- 3.4.13 Discutir a diferenças entre as adaptações. (5min.)
- 3.4.14 Adentrar nas técnicas de produção audiovisual, e introduzir a questão cenográfica e a ideia do “plano único”. (8min.).
- 3.4.15 Apresentar os vídeos *One shot short movie – Akcija* e *Obsessive Compulsive – One Short Film* para ilustrar o “plano único”. (10min.)
- 3.4.16 Introduzir a proposta de feitura do curta-metragem. A proposta terá como base o “Festival do minuto”, por isso alguns vídeos deste festival devem ser apresentados.
- 3.4.17 Apresentar os curtas *Um minuto na vida de André e Lisa* de Marcelo Masagão e *Pintura Rupestre* de Guilherme Hoffmann. (2min.)
- 3.4.18 Reunir os alunos em pequenos grupos e apresentar três opções de conto (a escolha variar de acordo com as séries em que estudam os alunos que se inscreverem na oficina), das quais eles irão eleger um para adaptação. Obviamente, antes de adaptar eles irão elaborar o roteiro. (50min.)
- 3.4.19 Socializar as produções. (10min.)
- 3.4.20 Encerrar a oficina. (5min.)

### 3.5 Recursos Didáticos

- 3.5.1 10 cópias do roteiro do filme *Diante da Lei*.

- 3.5.2 10 cópias do conto *Diante da Lei*.
- 3.5.3 10 cópias do texto *Velha História*.
- 3.5.4 Quadro negro;
- 3.4.5 Projetor multimídia;
- 3.4.6 Folhas A4 para produção textual.
- 3.4.7 Câmera Fotográfica para gravação do vídeo.

### 3.5 Avaliação

3.5.1 O projeto será avaliado de acordo com o engajamento dos alunos participantes durante todas as discussões bem como na produção do roteiro e do curta-metragem na oficina.

## 4 - REFERÊNCIAS

DIANTE DA LEI. Youtube. 2012. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=S2HoL06szoc>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

KAFKA, Franz. *O processo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LACERDA, Alyson. *Diante da lei*. Disponível em:

<[http://www.roteirodecinema.com.br/roteiros/diante\\_da\\_lei.pdf](http://www.roteirodecinema.com.br/roteiros/diante_da_lei.pdf)>. Acesso em: 24 setembro 2013.

OBSESSIVE COMPULSIVE – ONE SHORT FILM (2009). Youtube. 2009. Disponível em:

<[http://www.youtube.com/watch?v=duZY\\_7LmIWQ](http://www.youtube.com/watch?v=duZY_7LmIWQ)>. Acesso em: 24 setembro 2013.

ONE SHOT SHORT MOVIE – AKCIKA. Youtube. 2012. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=TYqgCxONWXM>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

PINTURA RUPESTRE. Festival do Minuto. 2013. Disponível em:

<<http://www.festivaldominuto.com.br/videos/32391?locale=pt-br>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

QUINTANA, Mario. *Velha história*. Disponível em:

<<http://samlandia.blogspot.com.br/2007/11/velha-historia-mrio-quintana.html>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

UM MINUTO NA VIDA DE ANDRÉ E LISA. Youtube. 2010. Disponível em:

<[http://www.youtube.com/watch?v=zQwtfIV3\\_Tw](http://www.youtube.com/watch?v=zQwtfIV3_Tw)>. Acesso em: 24 setembro 2013.

VELHA HISTÓRIA. Youtube. 2010. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=M8FC1hpL3Fk>>. Acesso em: 24 setembro 2013.

## 5 – ANEXOS

### Velha História - Mário Quintana

"Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até que apanhou um peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível nas escamas, que o homem ficou com pena. E retirou cuidadosamente o anzol e pincelou com iodo a garganta do coitadinho. Depois guardou-o no bolso traseiro das calças, para que o animalzinho sarasse no quente. E desde então, ficaram inseparáveis. Aonde o homem ia, o

peixinho o acompanhava, a trote, que nem um cachorrinho. Pelas calçadas. Pelos elevadores. Pelo café. Como era tocante vê-los no "17"! o homem, grave, de preto, com uma das mãos segurando a xícara de fumegante moca, com a outra lendo o jornal, com a outra fumando, com a outra cuidando do peixinho, enquanto este, silencioso e levemente melancólico, tomava laranja por um canudinho especial... Ora, um dia o homem e o peixinho passeavam à margem do rio onde o segundo dos dois fora pescado. E eis que os olhos do primeiro se encheram de lágrimas. E disse o homem ao peixinho: "Não, não me assiste o direito de te guardar comigo. Por que roubar-te por mais tempo ao carinho do teu pai, da tua mãe, dos teus irmãozinhos, da tua tia solteira? Não, não e não! Volta para o seio da tua família. E viva eu cá na terra sempre triste!..." Dito isso, verteu copioso pranto e, desviando o rosto, atirou o peixinho n'água. E a água fez redemoinho, que foi depois serenando, serenando... até que o peixinho morreu afogado..." (Quintana, 1976, p. 105)

### **Franz Kafka**

Diante da Lei está um guarda. Vem um homem do campo e pede para entrar na Lei. Mas o guarda diz-lhe que, por enquanto, não pode autorizar-lhe a entrada. O homem considera e pergunta depois se poderá entrar mais tarde. – "É possível!" – diz o guarda. – "Mas não agora!". O guarda afasta-se então da porta da Lei, aberta como sempre, e o homem curva-se para olhar lá dentro. Ao ver tal, o guarda ri-se e diz. – "Se tanto te atrai, experimenta entrar, apesar da minha proibição. Contudo, repara, sou forte. E ainda assim sou o último dos guardas. De sala para sala estão guardas cada vez mais fortes, de tal modo que não posso sequer suportar o olhar do terceiro depois de mim".

O homem do campo não esperava tantas dificuldades. A Lei havia de ser acessível a toda a gente e sempre, pensa ele. Mas, ao olhar o guarda envolvido no seu casaco forrado de peles, o nariz agudo, a barba à tártaro, longa, delgada e negra, prefere esperar até que lhe seja concedida licença para entrar. O guarda dá-lhe uma banqueteta e manda-o sentar ao pé da porta, um pouco desviado. Ali fica, dias e anos. Faz diversas diligências para entrar e com as suas súplicas acaba por cansar o guarda. Este faz-lhe, de vez em quando, pequenos interrogatórios, perguntando-lhe pela pátria e por muitas outras coisas, mas são perguntas lançadas com indiferença, à semelhança dos grandes senhores, no fim, acaba sempre por dizer que não pode ainda deixá-lo entrar. O homem, que se provera bem para a viagem, emprega todos os meios custosos para subornar o guarda. Esse aceita tudo mas diz sempre: – "Aceito apenas para que te convenças que nada omitiste".

Durante anos seguidos, quase ininterruptamente, o homem observa o guarda. Esquece os outros e aquele afigura ser-lhe o único obstáculo à entrada na Lei. Nos primeiros anos diz mal da sua sorte, em alto e bom som e depois, ao envelhecer, limita-se a resmungar entre dentes. Torna-se infantil e como, ao fim de tanto examinar o guarda durante anos lhe conhece até as pulgas das peles que ele veste, pede também às pulgas que o ajudem a demover o guarda. Por fim, enfraquece-lhe a vista e acaba por não saber se está escuro em seu redor ou se os olhos o enganam. Mas ainda apercebe, no meio da escuridão, um clarão que eternamente cintila por sobre a porta da Lei. Agora a morte está próxima.

Antes de morrer, acumulam-se na sua cabeça as experiências de tantos anos, que vão todas culminar numa pergunta que ainda não fez ao guarda. Faz-lhe um pequeno sinal, pois não pode mover o seu corpo já arrefecido. O guarda da porta tem de se inclinar até muito baixo porque a diferença de alturas acentuou-se ainda mais em detrimento do homem do campo. – "Que queres tu saber ainda?", pergunta o guarda. – "És insaciável".

– "Se todos aspiram a Lei", disse o homem. – "Como é que, durante todos esses anos, ninguém mais, senão eu, pediu para entrar?". O guarda da porta, apercebendo-se de que o homem estava no

fim, grita-lhe ao ouvido quase inerte: – "Aqui ninguém mais, senão tu, podia entrar, porque só para ti era feita esta porta. Agora vou-me embora e fecho-a".

*Parábola que faz parte do livro "O Processo"*

DIANTE DA LEI – O ROTEIRO – Baseado em conto homónimo de Franz Kafka 1

- DIANTE DA LEI -

ROTEIRO DE: ALYSON LACERDA

E-MAIL: ALYSONLACERDA@YAHOO.COM.BR

**SEQ.01 – A RECEPÇÃO DA LEI****(CENA 01 - INT. PORTARIA DA LEI.INDIFERENTE)**

O camponês toca uma campainha que está sobre um balcão. Ele carrega consigo um guarda-chuva. Sua roupa está parcialmente molhada. A maioria da superfície do balcão está ocupada por um amontoado de papéis e pastas em total desordem. O atendente rabisca enérgico, com um olhar fixo e desejoso sobre o conteúdo de uma pasta velha. Ele não dá atenção alguma ao camponês postado à sua frente – sempre expondo uma postura curva e acanhada.

O camponês toca a campainha outras vezes, não havendo reação alguma do atendente à sua presença. Quando se prepara para uma nova ação junto à campainha é surpreendido por um apático -.

**ATENDENTE**

Diga.

**CAMPONÊS**

Seu atendente, o governo não me deixa em paz, não me deixa assossegado, mais tenho certeza que a lei há de tá comigo.

**ATENDENTE**

Mas o que é que o senhor quer, heim?

**CAMPONÊS (MOSTRA UM PAPEL)**

As letra, diz que vão construir uma barragem, que é questão de dois ano as água vão tomar minhas terra. Pode ser uma coisa dessas seu atendente! O povo daquelas banda vive pedindo um poço d'água e agora que os homi cisma de mandar nós não pode ficar mais nas nossa terra!

**ATENDENTE**

Mas o que é que o senhor quer mesmo?

O camponês se curva em direção ao atendente, como se quisesse contar algum segredo.

**CAMPONÊS**

Vim procurar lei.



**ATENDENTE**

Hum. A lei? Incrível. Mas acho que não estou entendendo direito não. O senhor está procurando a lei e acha que posso ajudá-lo com alguma informação, é isso? Eu lamento lhe informar meu senhor, mas o senhor não vai a lugar nenhum com alguma informação minha. Eu sugiro que o senhor veja o que é que o senhor consegue aí é com todos esses corredores e escadas aí. Fui claro?

O atendente volta os olhos para a pasta. O camponês mostra-se curioso em ver o que escreve o atendente. Só agora o projeto do atendente revela-se diante de nós, na forma de uma picante reprodução pornográfica. O atendente percebe a curiosidade do camponês e fecha a pasta.

O camponês adentra o corredor. É um imenso corredor sem fim aparente.

**SEQ.02 – O LABIRINTO DA LEI** \_\_\_\_\_**(CENA 01 - INT.CORREDOR.INDIFERENTE)**

O camponês chega a um corredor. Ele se atém a uma porta com um papel fixado em sua porta – não há informação alguma. Ele decide seguir por um dos lados do corredor.

**(CENA 02 - INT.CORREDOR.INDIFERENTE)**

Chega a um corredor profundo e escuro cercado totalmente por portas. A obscuridade só não é completa, porque algumas lâmpadas estão acesas e deixam escapar alguma luminosidade opaca aqui ou ali. Há instantes em que ele perde-se na escuridão.

**(CENA 03 - INT.CORREDOR.INDIFERENTE)**

O camponês caminha pelo corredor quando algo chama sua atenção. Um homem sai apressado de uma sala. O camponês tenta alcançá-lo

**CAMPONÊS**  
Ei, por favor! Ei! Por favor!

O homem deixa o corredor embrenhando-se em um outro sem dar atenção ao camponês que o segue.

**(CENA 04 - INT.CORREDOR.INDIFERENTE)**

O camponês chega apressado ao novo corredor a tempo de ver o homem traçar-se em uma sala. O camponês, resignado, ainda tenta a ajuda do homem batendo receoso, algumas vezes, na porta. Ninguém atende.

**(CENA 05 - INT.CORREDOR.INDIFERENTE)**

Imagens do corredor vazio. O barulho da chuva torna-se mais intenso.

**(CENA 06 - INT.ESCADAS.INDIFERENTE)**

O camponês desce um lance de escadas tomado pela água da chuva que desce entre as infiltrações do lugar.

**(CENA 07 - INT.CORREDOR.INDIFERENTE)**

Se atira em um outro corredor idêntico aos vistos anteriormente; só que agora tomado pela água da chuva.

**(CENA 08 - INT.ESCADAS.INDIFERENTE)**

Desce pesadamente as escadas. Está visivelmente cansado. A água escorre pelas paredes do lugar.

**(CENA 09 - INT.CORREDOR.INDIFERENTE)**

Novas imagens do corredor vazio. O barulho da chuva agora diminui até acabar.

**(CENA 10 - INT.CORREDOR.INDIFERENTE)**

O camponês caminha pelo corredor perdendo-se na escuridão.

**(CENA 11 - INT.CORREDOR.INDIFERENTE)**

PG (vindo em direção a CAM) - segue no corredor.

**(CENA 12 - INT.CORREDOR.INDIFERENTE)**

O camponês parado no meio do corredor olha para os dois lados, cansado. O lugar parece não ter fim.

**SEQ.03 – ENCONTRO COM O HOMEM REVOLTADO** \_\_\_\_\_**(CENA 01 - INT.ESCADAS.INDIFERENTE)**

O camponês cochila com o corpo encostado à parede. Ouvimos alguns gemidos de dor vindos de longe. O camponês acorda com o barulho. Os sons dos gemidos parecem estar cada vez mais perto. O camponês levanta-se num misto de curiosidade e temor. Ele sai das escadas esquecendo o guarda-chuva e os chinelos gastos.

**GUARDA (OFF)**

Não grite!

**GUARDA (OFF)**

O senhor não vai conseguir passar. O senhor volte pra lá.

**HOMEM REVOLTADO (OFF)**

Uma hora vou ter que passar pra lá.

**(CENA 02 - INT.CORREDOR.INDIFERENTE)**

O camponês adentra temeroso um novo corredor.

**GUARDA (OFF)**

O senhor volte pro seu canto.

**HOMEM REVOLTADO (OFF)**

Por favor, eu tenho que passar.

**GUARDA (OFF)**

O senhor tá pensando o quê!

**HOMEM REVOLTADO (OFF)**

Eu quero passar!

**GUARDA (OFF)**

E não grite, não.

Um guarda empurra com violência um homem de aparência desleixada que tenta a todo custo passar pelo guarda.

DIANTE DA LEI – O ROTEIRO – Baseado em conto homônimo de Franz Kafka 7

**HOMEM REVOLTADO**

Me deixe passar pra cá.

O guarda aplica uma chave de braço no homem revoltado.

**HOMEM REVOLTADO**

Calma.

**GUARDA**

Vamô bora, vem!

O camponês assiste incrédulo, assustado, toda a cena. Um homem revoltado tenta desvencilhar-se a todo custo do guarda. Só agora o homem revoltado avista o camponês. Ele consegue com um golpe desvencilhar-se do guarda e corre na direção do camponês.

**HOMEM REVOLTADO**

Ei, moço! Moço! Vá embora! Aqui ninguém sabe nada.

O guarda logo chega com jeito ameaçador e acerta o homem com uma cacetada nas costas. O homem revoltado cai zozzo.

**GUARDA**

E o senhor não dá ouvidos a esse sujeito. Que gente como esse daqui, sempre aparece disposto a incriminar de corrupta a máquina da justiça.

Diz fustigando o pescoço do homem com o cacete.

O guarda agarrar uma das mãos do homem revoltado e o arrasta pelo corredor.

**HOMEM REVOLTADO**

Calma! Que é isso! Calma moço! Que é isso!... Me larga!

DIANTE DA LEI – O ROTEIRO – Baseado em conto homônimo de Franz Kafka §

O camponês permanece parado, estático, calado, vendo os dois sujeitos perderem-se na escuridão do corredor.

## SEQ. 04 – DIANTE DA LEI

(CENA 01 – INT.CORREDOR.INDIFERENTE) – OBS: cont. da cena anterior.

O camponês vê o guarda e o homem revoltado perderem-se na escuridão do corredor e demora a perceber a luz que nasce frágil na outra extremidade do corredor com a abertura de uma porta.

Vendo a luz, caminha em direção a ela. Um homem de ar severo olha fixo para aquele que chega ao corredor, é o guarda da Lei (O mesmo visto na cena anterior). Ele protege uma porta semi-aberta, de onde sai a única e insignificante luz daquela região do corredor. Sentado em um banco há um senhor de olhar amargurado.

**CAMPONÊS**

É a Lei?

O guarda acena um sim com a cabeça.

**CAMPONÊS**

Vim pedir pra entrá e falá com a Lei.

**GUARDA**

Agora não é possível.

**CAMPONÊS**

E mais tarde?

**GUARDA**

Talvez.

O camponês se encosta junto à parede ao lado do senhor; um homem de expressão constantemente cerrada.

**SENHOR**

Por que não vai embora antes que também perca o que não procura.

O camponês olha num misto de surpresa e espanto para o senhor sentado na banquetta,

DIANTE DA LEI – O ROTEIRO – Baseado em conto homônimo de Franz Kafka 10

mas logo retorna a atenção para o interior da porta. O guarda logo recobra a guarda da porta.

**GUARDA**

Por que não experimenta entrar, apesar de eu não ter permitido.

O senhor entende naquele instante que não há chances de entrada na porta da lei.

**SENHOR**

Que o diabo leve tudo isso!

O senhor dá as costas e desaparece muito rapidamente na escuridão do corredor, praguejando contra o lugar.

**SENHOR**

Que o diabo leve tudo isso! Vá tudo pros inferno! Ora que coisa! Que absurdo! Não há lei aqui. Lugar que não há lei.

Começa uma sucessão de ações sempre registrando no mesmo ângulo o corredor de acesso a Lei. O ambiente pouco muda.

**Transição**

Camponês, em pé, observa o guarda.

**Transição**

Camponês tenta subornar o guarda. Este aceita. Algumas moedas caem no chão e o guarda empurra o homem do campo para que este não consiga pegar nenhuma moeda.

**Efeito de transição**

Camponês ainda mais curvo que na transição anterior. O camponês faz um pequeno sinal,



DIANTE DA LEI – O ROTEIRO – Baseado em conto homônimo de Franz Kafka 11

pois não pode mover o seu corpo já enfraquecido. O guarda tem de se inclinar até muito baixo porque a diferença de altura acentuou-se ainda mais em detrimento do homem do campo.

**CAMPONÊS**

Se toda pessoa que é marcada pela injustiça procura a lei. Por que é que nesse tempo todo nenhuma outra alma, senão eu, pediu pra entrá?

**GUARDA**

Aqui só você podia entrar, porque pra você era feita esta porta. Agora vou embora e fecho.

Enquanto o guarda dá sua fala vemos a porta da lei ser fechada

O guarda se vai no corredor. O velho homem do campo arfa uma, duas vezes; inclina ainda mais o rosto para o chão. Os olhos marejam d'água.

- FIM -

## **7.6 Projeto Extraclasse – Julia**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Júlia Maccari Espíndula

**PROJETO “RECONTANDO O CONTO DE FADAS”**

Florianópolis  
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Júlia Maccari Espíndula

Projeto extracurricular apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para aprovação na disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, do Curso Letras Língua Portuguesa e Literatura Vernáculas.

Orientadores: Profa. Daniela Bunn  
Prof. Wladimir Garcia

Florianópolis  
2013

## 1 – INTRODUÇÃO

O projeto *Recontando o Conto* mostra-se como situação plausível para o estágio de docência, pois se trata de uma proposta de trabalho com a língua, pautada em situações que certamente tocarão os alunos. Os contos de fadas estão presentes na infância da maioria das pessoas e o trabalho com esses textos intercala-se com o lúdico, o que é um chamariz, tanto para adolescentes como para Além disso, como um dos temas que será perpassado por este projeto é o consumo e a linguagem publicitária, de algum modo aqueles que dele vierem a participar se identificarão, já que na sociedade moderna o consumo e o consumismo são realidade entre todas as pessoas.

## 2 – REFLEXÃO TEÓRICA

Com o intuito de proporcionar aos alunos momentos de reflexão crítica sobre consumo, além de contribuir para a ressignificação dos contos de fadas, considerando o conhecimento prévio que possuem sobre o tema, a oficina será focada nos contos de fadas e suas intertextualidades.

As práticas com a linguagem no projeto se darão através de dois eixos: leitura e produção de textos. Para Bakhtin, o texto (oral ou escrito) é a unidade, o dado primário e ponto de partida para todas as disciplinas. A constituição do homem social e de sua linguagem é mediada pelo texto. E através do texto e do discurso presente em sala de aula haverá rica troca de conhecimento entre alunos e professor, além da criação de um ambiente favorável à expressão da subjetividade. Assim, ao refletir sobre os contos de fadas e as intertextualidades que serão propostas, os alunos recorrerão a situações já vividas por eles e ao seu contexto social, às suas rotinas de consumo, fazendo com que as propostas da oficina sejam ainda mais válidas.

No caso do ensino de Língua Portuguesa, considerar a condição afetiva, cognitiva e social do adolescente implica colocar a possibilidade de um fazer reflexivo, em que não apenas se opera concretamente com a linguagem, mas também se busca construir um saber sobre a língua e a linguagem e sobre os modos como as opiniões, valores e saberes são veículos nos discursos orais e escritos. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998 p.47)

## 3 – OBJETIVOS

- Propiciar integração e envolvimento entre alunos de diferentes turmas;
- Ressignificar os contos de fadas através da leitura de outras versões;
- Exercitar a compreensão escrita e leitora dos alunos por meio da oficina que será oferecida;

- Estimular o senso crítico dos alunos e a sua criatividade.

#### 4 – CONHECIMENTOS TRABALHADOS

Esta oficina terá como principal objeto de conhecimento a leitura e a produção escrita de textos do gênero conto de fadas e gênero publicitário, bem como a utilização da linguagem específica do gênero em questão. Através desse viés, será exercitado o olhar crítico dos alunos sobre a propaganda, além de refletir sobre a intertextualidade inerente deste tipo de linguagem.

#### 5 – METODOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II  
PROFESSORES: Wladimir Antonio Costa Garcia, Daniela Bunn  
Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva  
Professora regente: Rosa Maria P. Cortinaz  
Disciplina: Português  
Estagiário Responsável pela Aula: Júlia Maccari Espíndula  
Disciplina: Língua Portuguesa

#### Plano de oficina (duas aulas)

##### Objetivo Geral

- Conhecer a proposta da oficina, refletir contemporaneamente sobre os contos de fadas e desenvolver habilidades de leitura, escrita e interpretação textual.

##### Objetivos Específicos

- Conhecer a proposta da oficina *Recontando o conto de fadas*;
- Refletir contemporaneamente sobre os contos de fadas;
- Identificar intertextualidades;
- Ler os textos: *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque, *Chapeuzinho Vermelho de Raiva*, de Mario Prata, *Conto de Fadas do Século XXI*, de Luís Fernando Veríssimo;
- Escrever coletivamente um novo conto de fadas e/ou uma propaganda baseada neles;
- Entrar em contato com a obra da artista Dina Goldstein na série de fotos *Fallen Princesses*.

##### Conteúdo

- Contos de fadas;
- Intertextualidade;
- Linguagem publicitária;
- Textos *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque, *Chapeuzinho Vermelho de Raiva* de Mario Prata, *Conto de Fadas do Século XXI* de Luís Fernando Veríssimo;
- Série de fotos *Fallen Princesses*.

##### Metodologia

- Apresentação da estagiária;
- Apresentar a oficina e realizar a chamada;

- Abrir a aula falando sobre contos de fadas: O que são? Quais conhecem? De qual mais gostam? Onde conheceram este tipo de narrativa?;
- Pedir aos alunos que respondam essas perguntas por escrito;
- Pedir aos alunos que leiam em voz alta suas respostas;
- Distribuir e ler os textos *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque, *Chapeuzinho Vermelho de Raiva* de Mario Prata, *Conto de Fadas do Século XXI* de Luís Fernando Veríssimo juntamente com a turma;
- Conversar com a turma sobre os textos: O que acharam? Quais as mudanças das versões originais? De qual versão gostam mais? Por que acharam que houve essa modificação nos contos?;
- Em seguida, pedir aos alunos que se organizem em dois grandes círculos e tirem uma folha;
- Orientá-los para uma proposta de produção textual coletiva: todos eles começarão a escrever um conto e no momento em que o professor sinalizar, todos eles devem passar a folha adiante para que o próximo aluno continue escrevendo a história. Cada momento de escrita terá em média de dois a quatro minutos e continuará até que o texto volte para o seu primeiro autor;
- Solicitar que alguns alunos leiam em voz alta seus textos para o restante da turma;
- Expor fotos e vídeos de propagandas que utilizam os contos de fadas para vender um produto. Induzir discussão na sequência: por que esta temática é tão recorrente na propaganda? E por que ela é tão abrangente? Tocam em questões como machismo, mito da beleza, estratégia de marketing (tanto para propagandas como para campanhas) etc;
- Mostrar para a turma a coleção de imagens da artista canadense Dina Goldstein na série de fotos *Fallen Princesses*, contextualizando-os que a autora quis retratar as princesas e protagonistas, que são sempre idealizadas, em situações reais.
- Pedir que os alunos se organizem em grupos de três ou quatro;
- Distribuir entre os grupos as fotos da coleção *Fallen Princesses*;
- Orientá-los para que escrevam ou uma história ou uma propaganda para aquela imagem, tentando englobar as questões que foram levantadas desde o início da oficina;
- Solicitar que os grupos socializem suas produções lendo-as em voz alta;
- Encerrar a oficina.

### Recursos Didáticos

- 25 cópias dos textos *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque, *Chapeuzinho Vermelho de Raiva* de Mario Prata, *Conto de Fadas do Século XXI* de Luís Fernando Veríssimo;
- Quadro negro;
- Projetor multimídia;
- Folhas A4 para produção textual.

### Avaliação

- Serão avaliados os seguintes aspectos: o envolvimento dos alunos durante as discussões; a expressividade, entonação, ritmo e fluência na leitura oral do conto e durante a reflexão com a turma sobre as questões pertinentes ao texto, com base nas respostas aos questionamentos propostos pela professora estagiária, assim como o engajamento nas produções escritas, considerando o seu resultado.

### Referências

Coleção de Maquilhagem Contos de Fadas e Fantasias. Youtube. 2013.

Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=SW72XlzbP8k>>. Acesso em: 27 de outubro de 2013.

## 6 – ANEXOS

### CHAPEUZINHO AMARELO

Chico Buarque

“Era a Chapeuzinho Amarelo.  
Amarelada de medo.  
Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.  
Já não ria.  
Em festa, não aparecia.  
Não subia escada, nem descia.  
Não estava resfriada, mas tossia.  
Ouvia conto de fada, e estremecia.  
Não brincava mais de nada, nem de amarelinha.  
Tinha medo de trovão.  
Minhoca, pra ela, era cobra.  
E nunca apanhava sol, porque tinha medo da sombra.  
Não ia pra fora pra não se sujar.  
Não tomava sopa pra não ensopar.  
Não tomava banho pra não descolar.  
Não falava nada pra não engasgar.  
Não ficava em pé com medo de cair.  
Então vivia parada, deitada, mas sem dormir, com medo de pesadelo.  
Era a Chapeuzinho Amarelo...  
E de todos os medos que tinha  
O medo mais que medonho era o medo do tal do LOBO.  
Um LOBO que nunca se via,  
que morava lá pra longe,  
do outro lado da montanha,  
num buraco da Alemanha,  
cheio de teia de aranha,  
numa terra tão estranha,  
que vai ver que o tal do LOBO  
nem existia.  
Mesmo assim a Chapeuzinho tinha cada vez mais medo do medo do medo do medo de um dia  
encontrar um LOBO.  
Um LOBO que não existia.  
E Chapeuzinho amarelo,  
de tanto pensar no LOBO,  
de tanto sonhar com LOBO,  
de tanto esperar o LOBO,  
um dia topou com ele  
que era assim:  
carão de LOBO,  
olhão de LOBO,  
jeitão de LOBO,  
e principalmente um bocão  
tão grande que era capaz de comer duas avós,  
um caçador, rei, princesa, sete panelas de arroz...  
E um chapéu de sobremesa.  
Mas o engraçado é que,  
assim que encontrou o LOBO,

a Chapeuzinho Amarelo  
 foi perdendo aquele medo:  
 o medo do medo do medo do medo que tinha do LOBO.  
 Foi ficando só com um pouco de medo daquele lobo.  
 Depois acabou o medo e ela ficou só com o lobo.  
 O lobo ficou chateado de ver aquela menina olhando pra cara dele,  
 só que sem o medo dele.  
 Ficou mesmo envergonhado, triste, murcho e branco-azedo,  
 porque um lobo, tirado o medo, é um arremedo de lobo.  
 É feito um lobo sem pÊlo.  
 Um lobo pelado.  
 O lobo ficou chateado.  
 Ele gritou: sou um LOBO!  
 Mas a Chapeuzinho, nada.  
 E ele gritou: EU SOU UM LOBO!!!  
 E a Chapeuzinho deu risada.  
 E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!!!!!!!!!!!!  
 Chapeuzinho, já meio enjoada, com vontade de brincar de outra coisa.  
 Ele então gritou bem forte aquele seu nome de LOBO umas vinte e cinco vezes,  
 Que era pro medo ir voltando e a menininha saber com quem não estava falando:  
 LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO  
 Aí, Chapeuzinho encheu e disse:  
 “Pára assim! Agora! Já! Do jeito que você tá!”  
 E o lobo parado assim, do jeito que o lobo estava, já não era mais um LO-BO.  
 Era um BO-LO.  
 Um bolo de lobo fofo, tremendo que nem pudim, com medo de Chapeuzim.  
 Com medo de ser comido, com vela e tudo, inteirim.  
 Chapeuzinho não comeu aquele bolo de lobo, porque sempre preferiu de chocolate.  
 Aliás, ela agora come de tudo, menos sola de sapato.  
 Não tem mais medo de chuva, nem fuge de carrapato.  
 Cai, levanta, se machuca, vai à praia, entra no mato,  
 Trepas em árvore, rouba fruta, depois joga amarelinha,  
 Com o primo da vizinha, com a filha do jornaleiro,  
 Com a sobrinha da madrinha  
 E o neto do sapateiro.  
 Mesmo quando está sozinha, inventa uma brincadeira.  
 E transforma em companheiro cada medo que ela tinha:  
 O raio virou orrái;  
 barata é tabará;  
 a bruxa virou xabru;  
 e o dia bo é bodiá.”

## **CHAPEUZINHO VERMELHO DE RAIVA**

### **Mário Prata**

- Senta aqui mais perto, Chapeuzinho. Fica aqui mais pertinho da vovó, fica.
- Mas vovó, que olho vermelho... E grandão... Que que houve?
- Ah, minha netinha, estes olhos estão assim de tanto olhar para você. Aliás, está queimada, heim?
- Guarujá, vovó. Passei o fim de semana lá. A senhora não me leva a mal, não, mas a senhora está



com um nariz tão grande, mas tão grande! Tá tão esquisito, vovó.

- Ora, Chapéu, é a poluição. Desde que começou a industrialização do bosque que é um Deus nos acuda. Fico o dia todo respirando este ar horrível. Chegue mais perto, minha netinha, chegue.

- Mas em compensação, antes eu levava mais de duas horas para vir de casa até aqui e agora, com a estrada asfaltada, em menos de quinze minutos chego aqui com a minha moto.

- Pois é, minha filha. E o que tem aí nesta cesta enorme?

- Puxa, já ia me esquecendo: a mamãe mandou umas coisas para a senhora. Olha aí: margarina, Helmmans, Danone de frutas e até uns pacotinhos de Knorr, mas é para a senhora comer um só por dia, viu? Lembra da indigestão do carnaval?

- Se lembro, se lembro...

- Vovó, sem querer ser chata.

Ora, diga.

- As orelhas. A orelha da senhora está tão grande. E ainda por cima, peluda. Credo, vovó!

- Ah, mas a culpada é você. São estes discos malucos que você me deu. Onde á se viu fazer música deste tipo? Um horror! Você me desculpe porque foi você que me deu, mas estas guitarras, é guitarra que diz, não é? Pois é; estas guitarras são muito barulhentas. Não há ouvido que agüente, minha filha. Música é a do meu tempo. Aquilo sim, eu e seu finado avô, dançando valsas... Ah, esta juventude está perdida mesmo.

- Por falar em juventude o cabelo da senhora está um barato, hein? Todo desfiado, pra cima, encaracolado. Que qué isso?

- Também tenho que entrar na moda, não é, minha filha? Ou você queria que eu fosse domingo ao programa do Chacrinha de coque e com vestido preto com bolinhas brancas?

Chapeuzinho pula para trás:

- E esta boca imensa????!!!

A avó pula da cama e coloca as mãos na cintura, brava:

- Escuta aqui, queridinha: você veio aqui hoje para me criticar é?!

## **CONTO DE FADAS DO SÉCULO XXI**

**Luis Fernando Veríssimo**

Era uma vez, numa terra muito distante uma linda princesa independente e cheia de auto-estima que, enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago de seu castelo estava de acordo com as conformidades ecológicas, se deparou com uma rã. Então a rã pulou no seu colo e disse:

- Linda princesa, eu já fui um príncipe muito bom. Uma bruxa má lançou-me um encanto e transformou-me nessa rã asquerosa. Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo e poderemos casar e constituir um lar feliz em teu lindo castelo. A minha mãe pode vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavarias as minhas roupas, criarias os nossos filhos e viveríamos felizes para sempre!

Naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã à sauté, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria e pensava: “Nem a pau!”

## 6 – REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. [VOLOCHÍNOV, V. N.]. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares da Educação Nacional – Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília/DF: MEC, 1998.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, J. WANDERLEY. **O texto na sala de aula**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2008.